

VOL.18 - Nº 40 - OUTUBRO DE 2007

ISSN 1676-0336

TERCEIRA IDADE

Estudos sobre Envelhecimento

SESCSP

Questões do Envelhecimento
e Suas Relações com o Processo
de Ensino-aprendizagem



ATERCEIRIDADE

Estudos sobre Envelhecimento

VOLUME 18 - Nº 40 - OUTUBRO 2007

Publicação técnica editada pelo SESC
SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

ISSN 1676-0336

SESCSP

A Terc. Id.	São Paulo	v.18	n.40	p. 1 - 84	outubro/2007
-------------	-----------	------	------	-----------	--------------

SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente do Conselho Regional: Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional: Danilo Santos de Miranda

Superintendente Técnico-Social: Joel Naimayer Padula

Superintendente de Comunicação Social: Ivan Giannini

Gerente de Estudos e Programas da Terceira Idade: Cláudio Alarcon

Gerente Adjunto: Lília Ladislau

Gerente de Artes Gráficas: Eron Silva

Gerente Adjunto: Hélcio Magalhães

Comissão Editorial

José Carlos Ferrigno (Coordenação), Celina Dias Azevedo, Elizabeth Brasileiro, Evelim Moraes, Fernando Fialho, Flávia Roberta Costa, Maria Aparecida Ceciliano de Souza, Marta Lordello Gonçalves, Maurício Trindade, Regina Célia Sodré Ribeiro

Designer Gráfico: Eron Silva

Assistente de arte: Lourdes Teixeira

Fotografias: págs. 7, 15 e 27: Nilton Silva, págs. 39, 43, 44, 47 e 53: Autoras do artigo, pág. 55: Thales Trigo, págs. 73, 74, 77, 80, 81, 84 e 4ª capa: Isabel D'Elia

Capa: Eron Silva/ Foto: Thales Trigo

Revisor: Marcos Storani

Artigos para publicação podem ser enviados para avaliação da comissão editorial, nos seguintes endereços:

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC-SP

REVISTA “A TERCEIRA IDADE” - (GETI)

AV. ÁLVARO RAMOS, 991 - 2º ANDAR

CEP 03331-000 - SÃO PAULO - SP

Fone: (11) 6607-8247 Fax: 6607-8250

ou

e-mail: **revista3idade@sescsp.org.br**

A Terceira Idade: Estudos sobre Envelhecimento /Serviço Social do Comércio. ST

- Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade. Ano 1 n. 1 (set. 1988)-

.-São Paulo: SESC-GETI, 1988-

A Terceira Idade 1988 - 2006

Quadrimestral

ISSN 1676-0336

1. Gerontologia-Periódicos 2. Idosos-Periódicos I. Serviço Social
do Comércio

CDD 362.604

Esta revista está indexada em:

Edubase (Faculdade de Educação/UNICAMP)

Sumários Correntes de Periódicos Online

SIBRA (SIBRADID - Sistema Brasileiro de Documentação e Informação

Desportiva - Escola de Educação Física - UFMG)

Questões do Envelhecimento e Suas Relações com o
Processo de Ensino-aprendizagem

Rita de Cássia M. T. Stano

7



O Poder das Decisões Antecipadas:
Providências Antes da Crise Chegar

Maria das Graças S. Leal

15



Lazer, Velhice e Instituição Asilar: Reflexões
Baseadas na Revisão de Literatura e nos Trabalhos
Apresentados no Encontro Nacional de Recreação
e Lazer (2001-2005)

Marcos Filipe Guimarães Pinheiro e Christianne Luce Gomes

27



Avaliação de Funcionalidade em Cozinhas
Residenciais para Pessoas da Terceira Idade a
Partir da Análise Ergonômica do Trabalho

Eliane Ferreira Cunha, Juliana Alexandrino Santos, Jaqueline Firmino Fialho,
Simone Caldas Tavares Mafra

39



Atividades de Lazer dos Idosos na Cidade: um
Estudo de Caso na Cidade de Rio Claro-SP

Rosane Balsan

55



ENTREVISTA

Luiz de Oliveira Dias

73



Por uma Educação para o Envelhecimento

Uma parcela dos especialistas considera que o envelhecimento humano tem início em nosso próprio nascimento. Outra entende que há um certo exagero nessa idéia, preferindo pensar que as primeiras décadas de crescimento e desenvolvimento não comportam indícios de declínio biológico. Para estes, o envelhecimento começa mais tarde, a partir dos trinta ou quarenta anos de idade quando uma complexa gama de sinalizações físicas, psicológicas e sociais indicam mais claramente o passar do tempo. O importante, porém, é que todos concordam que o envelhecimento torna-se presente, ainda que de modo mais perceptível para uns e menos para outros, muitos anos antes da entrada oficial na velhice ou Terceira Idade, por volta dos 60 anos.

Outro ponto de concordância entre os estudiosos do assunto, e isso é o que mais nos interessa aqui, é que a educação para o envelhecimento deve ser amplamente dirigida a todas as gerações que precedem essa fase da vida.

Nesta edição, destacamos o artigo *Questões do envelhecimento e suas relações com o processo de ensino-aprendizagem* em que a autora, Rita de Cássia Stano, ressalta o quanto preconceitos e estereótipos impostos aos velhos determinam sérias limitações a um efetivo processo educacional voltado a essa faixa etária.

As diferentes experiências realizadas pelo SESC junto a idosos, ao longo de mais de 40 anos, têm mostrado a importância de se reforçar as relações estabelecidas nestes processos, que implicam o respeito à história dos indivíduos, a valorização do cotidiano, o acolhimento. Supõem, também, novas posturas dos

profissionais, que precisam repensar o sentido de suas próprias vidas e de sua ação. É um aprendizado de mão dupla, onde todos os envolvidos se dispõem a incorporar novos valores e estabelecer novas relações.

Além do trabalho realizado por técnicos de diferentes áreas do SESC, especificamente com idosos, é possível reforçar, também, os bons resultados que a instituição vem obtendo em experiências de integração entre crianças e idosos, ou adolescentes e idosos.

Assim, a formação de idosos críticos e cômicos de seus direitos e deveres de cidadãos, depende, em grande parte, da edificação de uma cultura que os inclua no cotidiano de todas as gerações.

Nas pautas de reivindicações para a melhoria da qualidade de vida de todos e especificamente da Terceira Idade, não pode faltar o item relativo à sensibilização da comunidade para um adequado arranjo de condições que objetivem a viabilização de uma senescência vivida com vigor e dignidade.

Danilo Santos de Miranda

Diretor Regional do SESC São Paulo

Questões do Envelhecimento e Suas Relações com o Processo de Ensino-aprendizagem



**RYTA DE CÁSSIA M. T.
STANO**

*Doutora em Educação
pela Pontifícia
Universidade Católica
de São Paulo; professora
adjunta de Ciências
Humanas e Sociais da
Universidade Federal de
Itajubá; coordenadora
do Curso de Extensão
Educação Continuada
para a Terceira Idade.
ritastano@gmail.com*

Resumo

Neste artigo se pretende buscar subsídios no próprio processo de envelhecimento para pensar um fazer pedagógico específico à educação de gerações. Quem é este sujeito que atualmente é denominado “terceira idade” ou “idoso e idosa”; quem se aloja neste corpo que enruga, mudando os ritmos e as habilidades; quais as possibilidades de olhar pode-se ter para recriação de uma nova paisagem geracional e como esse sujeito velho se configura como aprendiz. Estas e outras questões estarão permeando este exercício reflexivo, numa postura de cuidado e escuta.

Palavras chave: *processo de envelhecimento, fazer pedagógico, sujeito velho, aprendiz idoso.*

Abstract

The purpose of this article is to search for ideas in the aging process to conceive a specific pedagogical methodology aimed at the education of future generations.

The questions which will be permeating this reflexive exercise, with a caring and listening attitude, are as follows: -Who's the subject of this label “older age” or “elderly man or woman?; - Who's being sheltered in this body that wrinkles, changing its rhythms and abilities?; -Which alternative ways of seeing can be employed to recreate a new generational landscape and how this older person can be viewed as a learning individual?.”

Keywords: *aging process, pedagogical methodology, older individual, older learning individual.*

Introdução

Percorrendo a trilha que nos insere na questão do envelhecimento, percebe-se que há, em primeiro lugar, a necessidade de desmistificar a imagem da velhice como algo descartável, inútil e ultrapassado, conforme preconizava Simone de Beauvoir, em seu clássico *Velhice*. Despir a condição da velhice da condição de descartável e de insustentável, numa sociedade que se caracteriza pela agilidade, intensidade e provisoriedade de objetos e relações, torna-se um exercício necessário e arriscado. Necessário para que a desideologização de um certo modo de ver a velhice se instale no pensamento pedagógico e arriscado por correr o risco de tal exercício reflexivo não contribuir para novas práticas de educação. Por isso, este pensar deve estar atrelado aos fazeres que despontam em diversos espaços sociais, além do próprio espaço escolar.

A Velhice Institucionalizada e Negada

As sociedades humanas, ao longo de sua história, inventam e instalam mecanismos de cerceamento social a fim de manter a ordem das relações e no intento de impingir justificativas e sentidos à inexorabilidade da vida e de sua temporalidade. Assim, as funções e os papéis sociais assumem o contorno dos valores e das premências postas pelo sistema econômico, na produção e distribuição de bens necessários à manutenção da sociedade. As gerações, divididas pelos chamados ciclos de vida, legitimam-se na sociedade por meio de mecanismos de institucionalização de seus sentidos e espaços predefinidos pelos contornos sociais. Tais movimentos de

institucionalização também provocam o seu contrário, ou seja, demarcando práticas e lugares (des)legitimadores. Então, sujeitos fora da institucionalização são (des)tratados como transgressores, indignos porque estão fora do modelo que lhes fora instituído.

Observa-se que aos idosos são impostos e articulados, às vezes de maneira disfarçada, mecanismos que oprimem ao institucionalizar lugares e práticas. Assim, o próprio processo de burocratização que permeia a vida do idoso que busca ou que está na aposentadoria se configura como um modo de institucionalizar e demarcar suas (im)possibilidades. O idoso percebe-se um número, uma carteira, um cartão.

Outra maneira de oprimir o idoso via institucionalização refere-se aos mecanismos psicológicos e discursos científicos acerca do processo de envelhecimento. Tais discursos definem modelos de comportamento, de padrão, afirmando um caráter paternalista e fatalista ao processo de envelhecimento. Os aspectos técnicos que muito contribuem para a melhoria da qualidade de vida dos idosos, em contrapartida, também colaboram para o cerceamento de seus movimentos, de suas escolhas e de suas possibilidades. Os discursos científicos, com seu caráter universalizante, tendem a emoldurar um certo modo de viver a velhice, impingindo normalização e regras cerceadoras do processo de ser e de estar em envelhecimento, sem considerar condições culturais definidores das próprias gerações.

Cabe destacar a questão do asilamento, que é a forma mais explícita de institucionalização da velhice. Literalmente se encerra o idoso e a idosa em espaços definidos e limitantes para o seu viver. Pode-se também verificar que muitas famílias, legitimadas por uma justificativa de

“cuidadores”, também asilam seus idosos em suas próprias casas, despindo-os do direito de gerir sua própria vida e seu cotidiano. Enfim, institucionaliza-se a velhice por meio de práticas e discursos diretos ou indiretos, claros ou encobertos por camadas de uma ideologia perversa que o que faz é legitimar o sinônimo de velhice como de descartável e incapaz. Ou seja, estar na velhice é ser um “não-ser” e estar em um “não-lugar”.

Como podem o discurso e as práticas pedagógicas minimizar o avanço e o alcance desses mecanismos opressores de institucionalização da velhice? Nessa institucionalização opressora da velhice ocorre a sua própria negação, instituindo um modo de não se ser idoso, demarcando modelos de envelhecimento. Na tentativa de instalar um novo modo de olhar a velhice, desinstitucionalizando-a, cabe a necessidade de retomada do significado do ser idoso em seu sentido de sujeito, como ser histórico. Histórico porque contextualmente posto na sociedade, singularizando o seu existir. Como sujeito, o idoso deve ser percebido como produtor de si mesmo num processo permanente de subjetivação de si. Tal subjetivação supõe não a cristalização de um modo de ser, mas, pelo contrário, um estado constante de “vir-a-ser”, provisoriedade que marca o sujeito da existência.

Ao se considerar o idoso como sujeito porque inserido numa cultura, determinado e determinando maneiras únicas de ser e de estar, em cada um passa-se a perceber uma certa noção de mundo, de corpo, de alegria, de saudade. Este ser sujeito no envelhecimento, destituído de suas normas legitimadas socialmente, resgata um certo “estar-no-tempo”, libertando o ser idoso das amarras, designan-

do corpos reconhecidos em seus direitos e em seus movimentos, provocando o surgimento de novos aprendizes do cotidiano.

Um Outro Olhar para a Escavação Pedagógica

Como preservar o devir da velhice? Uma maneira de encaminhar o olhar para a questão refere-se ao aspecto da marca identitária. O que define o ser na velhice? Qual lente pode ser acionada para evitar o não-ser e o não-lugar do ser velho? Uma lente possível é a que corresponde ao lócus profissional. Os anos de exercício em uma atividade profissional, a prática na profissão, define a maneira de ser, singulariza o corpo, torna o sujeito um depositário de *habitus* profissional, constituído num campo de atividades em que a identidade se construiu. E, para que essa identidade se atualize sempre em sua precariedade, é preciso reconhecer a marca identitária que subjaz aos corpos e às mentes do ser idoso e de qualquer ser humano. Aquilo que o faz reconhecer-se por reconhecimento do outro. Neste sentido, o papel da profissão assume um aspecto referencial.

E o acontecimento que provoca a ruptura, que exige o ressurgimento de um novo sujeito no processo de envelhecimento é a questão da aposentadoria. Aposentadoria deve ser lida como um acontecimento não apenas no sentido de provocar mudanças substanciais no cotidiano do ser velho, mas por impingir a necessidade de uma readaptação, pois exige uma nova subjetivação porque um novo olhar ao mundo se torna necessário aprender a ter. Aposentar-se significa, pois,

aprender a ser o “nunca ter sido e estando” agora.

Portanto, ao definir a profissão como uma possível marca identitária que consubstancia o olhar desideologizado (desmistificado) da velhice, opta-se pela singularização do processo de envelhecimento e de todas as práticas educacionais destinadas a este segmento social.

A proposta desta reflexão é a busca da desmodelização da velhice a partir da identificação do significado construído pelo idoso de seu próprio cotidiano, marcado por lembranças que caracterizam seus corpos e sua subjetividade. Despindo o universo vivencial do idoso, pode-se resgatar o sentido único do processo de envelhecimento, pois “*não é o avanço da idade que marca as etapas mais significativas da vida: a velhice é, antes, um processo contínuo de reconstrução*” (DEBERT apud NERI; DEBERT 1999, p. 63).

Antes de programar ou planejar é preciso viver, interessar-se, decidir, mudar e criar um novo olhar. Esse movimento preparatório é condição *sine qua non* para o êxito de projetos educacionais, para uma ação pedagógica efetiva, para a consolidação de processos de ensino-aprendizagem. Porque, para empreender e orientar o aprendizado do outro, é preciso adequar e conhecer os anseios do aprendiz, considerar seus interesses e estudar as formas próprias de seu aprendizado. E, no caso de aprendizes velhos, é importante que se apreendam os modos de envelhecer, que se opte mesmo por este outro marcado por rugas, ritmos lentos e passos difíceis.

E a escavação pedagógica faz-se necessária para criar um verdadeiro espaço pedagógico, pois

O espaço é retrato da relação pedagógica. Nele é que o nosso conviver vai sendo registrado, marcando nossas descobertas, nosso crescimento, nossas dúvidas. O espaço é retrato da relação pedagógica porque registra, concretamente, através de sua arrumação (...), a nossa maneira de viver esta relação

(FREIRE apud MORAIS, 1993, p. 96).

Assim, a construção de um espaço pedagógico sugere um cuidado nas relações interpessoais para que o aprender seja um processo em busca da perene habitação. Habitar no sentido de tornar morada existencial a vida mesma. Ou seja, um espaço comum onde professores e alunos marcam sua presença e modificam o próprio ambiente físico como o próprio visual daqueles que o integram também se modifica. Os projetos educacionais ocorrem e constroem-se num lugar que se torna do tamanho da necessidade que cada um tem de construir um espaço e de chamá-lo seu. É o sentido da existência em que a atitude existencial é uma atitude de coragem e envolvimento, que segundo Tillich (1976) se caracteriza por se envolver em situação cognitiva e específica.

Ao se efetuar a escavação pedagógica relacionada à questão da educação geracional, cabe destacar a importância que devem assumir o conceito e o sentido posto no processo de aprendizagem. Assim, ao se refletir sobre o aprendizado de diferentes gerações ou de co-gerações, pode-se pensar no processo de aprendizagem como um filme a ser dirigido, uma história que será contada. E, nesse pensar, algumas indagações vêm à tona, como: A quem é endereçado o planejamento desse aprendizado? Quem realmente o recebe e dele compartilha? Quem enfim é esse “público” participante? O

que, da história contada ou do filme produzido, é processado pelos sujeitos?

Ainda nesta metáfora, pode-se refletir acerca da não-monopolização atual dos espaços do público a que um filme se destina. Dessa forma, lançar um filme não assegura, pela previsão, o endereço e o destinatário desse filme. Por isso, ao se planejar e executar um projeto educacional para a terceira idade, este pode resultar em aprendizados para além desse público. Pode ser que esse processo atinja outras gerações, de sobrinhos, filhos e/ou netos dos sujeitos envolvidos no processo. E tais públicos indiretamente trabalhados não serão facilmente avistados pelos responsáveis. Mas alcançados de maneira indelével pela mudança processada pelo aprendizado daqueles a quem primeiro se destinou a programação. Por isso, construir espaços de aprendizagem pode resultar na conquista de espaços mais amplos do que os inicialmente imaginados e esperados.

O Movimento do Aprender no Percurso Geracional

Aos professores orientadores de atividades, objetivando o aprendizado do outro, caberia a garantia de, antes, promover um aprendizado em si mesmos. Refletir a ação e os motivos dela é aspecto substancial para o ingresso num terreno que nem sempre é previsível. Cuidar da própria identidade, de seus próprios desejos para aprender a lidar com a identidade do outro, com os desejos e anseios de seus aprendizes. Perguntas como: O que somos? O que queremos ser como professores? Como poderemos ser melhores?

Tais indagações acompanham a construção de um trabalho que deve verter-se para um objetivo maior de colaborar para que o

aprendiz idoso se torne consciente de si mesmo. E tornar-se consciente de si implica uma abertura para a experiência, assumindo-se como “existenciálias”. Assim, ao se embrenhar pelo caminho do processo de aprendizagem de idosos, os professores devem realizar um trabalho que seja embasado no tripé afetividade, compreensão e expressão. Afetividade porque toda relação, seja pedagógica ou não, só se estabelece se o afeto, no sentido de mexer e atingir o outro, for recíproco e estiver efetivamente presente. O aprendizado só se dá no sentido da compreensão do outro, de suas reações, suas dificuldades, seus interesses, e o espaço do aprender não se faz sem o lugar da expressão que garanta algum tipo de comunicação entre os pares. As “existenciálias” no processo de aprendizagem se apresentam e se revelam no cotidiano.

Tornar-se, pois, consciente de si supõe buscar respostas à questão: Quem sou eu? Neste sentido, todo o processo de aprendizagem deve se pautar pelo desvelamento de si, capacitando o outro para amar-se por meio de um movimento de estranhamento. Ou seja, criando situações que permitam ao aprendiz se reconhecer por intermédio de uma auto-avaliação constante. Dessa forma, a pergunta “Quem sou eu?” embute sentidos acerca do que emerge, do que manifesta e do que se desvela no próprio processo de aprendizagem.

As categorias fundamentais do aprendizado nesse processo de autoconhecimento e conhecimento do corpo passam por três aspectos, a saber: a temporalidade, o cotidiano e a espacialização.

A temporalidade como categoria fundadora do envelhecimento em que o tempo *kronos* se justifica pela presença do tempo *káiros*, no

exercício permanente do resgate dos sentidos e dos significados vividos ao longo da existência. Extirpar a velhice de sua roupagem coisificada, congelada e imobilizada significa resgatar, pelo aprendizado, um tipo de temporalidade que ultrapasse o correr do relógio e que imprima, aos anos, releituras constantes, novos olhares sobre o vivido. Desfragmentar o tempo corresponde aqui a uma subjetividade que sofreu um acontecimento que precisa ser incorporado a um novo sujeito, num movimento de inventar-se como um novo devir pelo movimento da memória.

Por isso a segunda categoria ser o cotidiano, pois é aí que o aspecto do experienciado, mais do que medido, é sentido. Se no tempo institucionalizado (pelo exercício profissional) a temporalidade era marcada pelos ritmos das atividades sociais, no tempo desinstitucionalizado (da aposentadoria) ocorre a descontinuidade das práticas e a possibilidade de novas rupturas e novos ritmos ao cotidiano. Os programas de educação devem trabalhar, pois, com o tempo reposto, forjado na existência porque advindo da construção de um cotidiano que se pode estranhar para poder ser avaliado e ressignificado, constituindo assim um verdadeiro espaço existencial no lócus do aprender.

A espacialização, como categoria também do processo de aprendizagem, consubstancia-se no tempo da aposentadoria que se objetiva em possibilidade de espaço de acolhida, de elaboração de um novo si para o idoso. Aposentar como verbo transitivo: dar pousada, alojar, nutrir significa trabalhar os corpos e as mentes dos aprendizes por meio da Pedagogia da Acolhida, da solidariedade no sentido de caracterizar as relações pedagógicas em relações de cuidado e de amparo. Assim, a aposentadoria

deixa de ser um não-lugar para tornar-se este espaço de reinvenção do trabalho pelos seus símbolos, pelas suas marcas e por uma nova rede de relações. Essa Educação pela Acolhida carrega consigo a questão da mundanidade (o ser histórico), a solicitude (a ética da solidariedade e da alteridade) e a participação (novas relações sociais).

É a produção de sentidos e a produção de diferenças que podem garantir uma nova produção de si, refazendo os significados do conviver, experienciando a alteridade nas relações entre pessoas de mesma idade e de diferentes possibilidades e facilidades. Esta ciranda do aprender cria novos espaços de fazer e pensar para novos modos de ser e viver, em que a fluidez de papéis entre alunos e professores torna-se normal no processo de aprendizagem. E em que a ameaça do não-ser pode se enfraquecer pela auto-afirmação coletiva (TILLICH, 1976).

Conclusão

O Arremate de um Processo de Aprendizagem

Lacroix (2006) analisa a sociedade atual destacando o ritmo alucinante que rege o cotidiano das pessoas. Cada vez mais, o vazio interior, segundo o referido autor, a falta de sentido da vida traduz-se na busca de emoções fortes, num alucinógeno de sensações que vão desde esportes radicais até músicas violentas. Tal panorama sugere o uso de um tempo não-*káiros*, em que os significados se perdem em quantidades máximas num tempo mínimo. É o profano como modo de vida dominando o viver humano.

O aprendizado que tem como alicerce a temporalidade valoriza exatamente o resgate da qualidade desse ritmo do cotidiano, garantindo a emoção que resvale pela serenidade, pela duração e pela eterna lembrança porque não efêmera, porque marcada nas entranhas da memória do ser humano. Por isso, ao empreender esforços no pensar e no fazer pedagógicos para o idoso, o profissional da educação pode ser o condutor de um novo processo civilizador. Processo civilizador que recupere valores que estão ainda imbricados em alguns espaços sociais e que precisam ser devidamente evidenciados no cotidiano das novas gerações. Um processo civilizador que realce o sagrado que existe na cotidianidade.

Extirpar o medo da velhice daqueles que estão no processo e daqueles que nele entrarão se torna necessário para o enfrentamento de um cenário que, a priori, desvaloriza e dificulta o viver a velhice. Porém, se este saber for elaborado em consonância com um fazer sempre reflexivo, há a esperança de a educação ser portadora de um novo conceito temporal. Um tempo reinstituído em *káiros*, na busca de reverberação da qualidade do vivido, impregnando a memória e alimentando os anseios de todos, jovens e velhos, mulheres e homens, crianças e adultos.

Como potência de vida, tal processo promove a vitalidade. Vitalidade aqui como o poder de criar além de si próprio e sem perder a si próprio (TILLICH, 1976). A vitalidade que o autor retoma de Platão sustenta que é interdependente da intencionalidade como ação dirigida para um conteúdo significativo. O ato de aprender deve, pois, ser um ato intencional e visando à vitalidade do ser.

Nas práticas apreendidas e aprendidas com alunos idosos, o saber que permeia a ação educativa é o saber-vida, porque talhado na memória, no ritmo próprio dos alunos. É pelo respeito e pela consideração a este saber-vida que, aos poucos, o aprendiz desprenga-se de seus medos e de suas inseguranças perante o desconhecido, perante o saber do outro, valorizando o seu próprio saber nessa relação pedagógica. Ademais, num exercício

coletivo de valorização da própria memória, o aprendiz idoso aprende a enfrentar os riscos, ousando exhibir e, principalmente, viver sua velhice com a dignidade e com seu ritmo próprios, e, por isso, aprende também a exigir do Estado e da sociedade seus direitos e outras oportunidades. É, pois, como construção coletiva que o ser idoso se desmodeliza e abre, ao cotidiano, seu modo próprio de ser como devir permanente.

Referências Bibliográficas

LACROIX, Michel. *O culto da emoção*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

MORAIS, Regis de. *O que é ensinar*. São Paulo: Aleph, 1993.

NERI, Anita L.; DEBERT, Guita Grin (Orgs.). *Velhice e sociedade*. Campinas: Papirus, 1999.

TILLICH, Paul. *A coragem de ser*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1976.

O Poder das Decisões Antecipadas. Providências Antes da Crise Chegar.



**MARIA DAS GRAÇAS
SOBREIRA LEAL**

*Mestre e doutora em
Psicologia Clínica na
área de Gerontologia e
coordenadora do Curso
de Gerontologia Social
do Instituto Sedes
Sapientiae/SP.
idea-mgl@uol.com.br*

*A velhice se transformou num grande e pendente problema social,
difícil de solucionar não apenas porque o número de velhos cresceu,
mas também porque aumentou o número de anos que vivemos como velhos.*

Mais velhos e mais anos de velhice.

(BOBBIO, 1997)

Resumo

Este artigo descreve a necessidade de avaliar os idosos, mesmo aqueles que estão tendo um envelhecimento normal, de observar com o passar dos anos o aumento da fragilidade e agir preventivamente para que possam continuar independentes e com autonomia.

Ressalta também que existem vários desafios a superar para uma população que atinge idades avançadas, como: o custo da saúde, questões familiares e poucas pessoas qualificadas para cuidar dos idosos podem trazer um grande impacto social e financeiro para a sociedade.

Uma avaliação geriátrica ampla envolvendo vários profissionais resultaria em ações preventivas, que garantiriam uma reabilitação da fragilidade, e em orientações para o monitoramento da manutenção da saúde, evitando internações ou visitas freqüentes a médicos e hospitais.

A sugestão é começar a tomar providências antes da crise chegar. Tão logo os pais comecem a envelhecer, logo após os 60 anos, o correto seria os filhos discutirem com eles questões de saúde, legais e financeiras. Planos feitos com antecedência farão os problemas parecerem mais simples. Ter confronto com eles durante uma crise de saúde pode ser avassalador, desesperante e não levar a nada. Começar do zero em um momento de crise é muito difícil, trabalhoso e caro. O mais prático é já ter as opções levantadas com o próprio idoso antes dos acontecimentos.

Palavras chave: *idade avançada, fragilidade, prevenção, planejamento de cuidados.*

Abstract

This article describes the need to assess the elderly, even those going through a normal aging process, observe their increasing fragility over time and act preventively in order to enable them to maintain their independence and autonomy.

It also points out that there are many challenges to be overcome by a population reaching an older age, such as those related to health costs, family issues and a lack of qualified people to care for the elderly, which can cause a significant social and financial impact for society.

A comprehensive geriatric assessment involving several professionals would result in preventive actions to ensure rehabilitation and guidance, thereby helping to preserve health and avoiding frequent hospitalizations or visits to doctors and hospitals.

The suggestion is to start taking measures before the onset of a crisis. As soon as parents start getting older, from the age of 60 onwards, their sons and daughters should discuss with them issues related to health, legal and financial matters.

Early planning will make problems seem easier to deal with. Waiting to deal with problems during a health crisis will make them feel overwhelming, causing desperation and bringing no solutions. Starting from ground zero in a moment of health crisis is very hard, time-consuming and expensive. The most practical thing to do is to discuss all the relevant issues directly with the elderly before a health crisis strikes.

Keywords: *old age, fragility, prevention, planned care.*

Introdução

Quando somos jovens pensamos que vamos viver assim para sempre, e muitas vezes, como tem demonstrado a estatística, alcançamos 80, 90 anos... Estamos vivendo mais e enfrentando as fragilidades da idade avançada.

Estaremos preparados?

Segundo Howard Gleckman (2004), neste início do século XXI nos EUA, mais de 30 milhões de americanos são cuidadores de pais idosos. Com o envelhecimento do país, o cuidador do idoso está rapidamente se transformando em um dos maiores problemas para a família, trabalhadores e empregadores. Ainda nesse artigo, o autor afirma que o valor desse cuidado não pago excede US\$ 257 bilhões por ano.

O mundo mudou. O perfil demográfico mudou. Todos participam do processo de envelhecimento: países ricos e pobres. No Brasil não temos pesquisas sobre o levantamento do número de cuidadores, mas sabemos o quanto a população de idosos tem aumentado. Temos um boom de idosos brasileiros.

Os dados desta dimensão numérica são dados por Côte et al. (2006):

O Brasil, país considerado jovem até poucos anos, passa agora a contar com uma população que envelhece de forma acelerada e intensa. Os números nos informam sobre a extensão dos problemas e o número de pessoas com 60 anos ou mais na América Latina e Caribe sobe, atualmente, para 91 milhões. Destas, 14,5 milhões (9 % da população total) estão no Brasil. Com a previsão de uma taxa de crescimento anual de 3,5 % da população nas duas primeiras décadas deste século, o total de pessoas de 60 anos ou mais chegará a 194 milhões na região, estimando-se que o Brasil alcançará mais de 30 milhões, cor-

respondendo à 6ª maior população idosa do mundo, sendo que 55 % do contingente populacional brasileiro com mais de 60 anos é composto de mulheres.

O envelhecimento normal não está relacionado diretamente com doenças, mas carrega em si uma fragilidade que necessita ser acompanhada por profissionais que preventivamente assegurem uma vida saudável, autônoma e independente nessa etapa. Mas, seja por falta de informações, condições econômicas e ausência de serviços públicos que cubram esta demanda, essa prevenção muitas vezes não é possível.

O avanço das doenças crônicas e degenerativas entre os mais velhos expõe a fragilidade dos idosos e requer o preparo de outras pessoas para cuidar da vulnerabilidade da idade avançada, permitindo que eles enfrentem realisticamente os limites pessoais impostos pela nova condição. A doença ameaça a integridade da pessoa, e não apenas pela dor ou pelo sofrimento, pois também desorganiza o cotidiano, instala o medo e a insegurança. A consequência é a mudança radical na vida dos familiares que cuidam dela, com um custo pessoal muito alto.

“Quando o corpo físico declina na velhice, o sistema ambiental que dá apoio ao envelhecimento do cérebro e do corpo torna-se especialmente importante” (STERN; CARSTENSEN, 2000, apud BALTES; SMITH, 2006). Sem dúvida, a garantia para que os mais velhos se aproximem do seu limite de máxima longevidade em condições dignas e exercendo seus direitos humanos vai depender de muitas melhoras ambientais e materiais (BALTES; SMITH, 2006).

Como planejar e administrar tudo isso?

Avaliando a Situação

É possível “prevenir”, na terceira idade e quarta idade? Com certeza. A vacina da gripe é um bom exemplo. Temos de organizar estratégias para implementar a detecção precoce. Não existem novas doenças e sim sua ampliação. Quanto mais precoce a detecção da doença maior a recuperação. Educação e informação são importantes para a população que envelhece.

O mundo está mais complexo. Não podemos saber só de idosos, precisamos saber muito mais sobre tudo que está relacionado com o processo de envelhecimento e sobre como cuidar da saúde física e mental para um envelhecer sadio. Só a medicina não basta, principalmente se os médicos não possuírem a especialização em geriatria. Com certeza, para um bom gerenciamento público da velhice temos de dar atenção a muitos outros fatores além da saúde, como situação econômica dos idosos, melhor habitação e transportes.

O conhecimento para essa etapa da vida é gerontológico. Um novo campo de saber que reúne diversas especialidades para o estudo da velhice e do processo de envelhecimento, senão não funciona. A velhice não é só biológica, é biográfica, cada idoso tem a sua história, que deve ser levada em consideração na intervenção individual ou social.

Vários desafios a superar:

- As doenças do envelhecimento mudaram o paradigma médico de curar para cuidar – e cuidar por muito tempo. Temos patologias que duram 20 a 30 anos, e isso leva a impactos sociais e econômicos graves.

- O custo da saúde é caro e não tem saída. Em decorrência dos avanços tecnológicos, a assistência médica sempre será disputada.
- Os medicamentos ajudam a manter a qualidade de vida, mas o acesso a eles é difícil para a população em geral.
- Idosos dependentes são cuidados por cuidadores não capacitados.
- Idosos cuidando de idosos aumentam os riscos para a saúde do cuidador.
- Falta formação gerontológica específica de diversos profissionais para atender às diferentes demandas da população idosa.
- Poucos planos de saúde cobrem tratamentos de fisioterapia e fonoaudiologia.
- Boas e confiáveis instituições de longa permanência são caras.

Colocando a questão

Cuidar de familiares idosos é uma tarefa que nenhum de nós pode recusar, ainda que isso crie um grande problema emocional e financeiro. Os cuidadores certamente pedem um tempo no trabalho (férias, meio período) e a pressão de cuidar de um idoso pode comprometer definitivamente seus relacionamentos com parceiros, amigos e filhos. A pessoa que cuida será tragada, envolvida em atividades diárias de cuidados básicos, agendando médicos, cuidadores secundários etc. Além disso, não podemos esquecer o cansaço físico e o estresse pessoal.

Mesmo para os idosos que estão tendo um envelhecimento normal, é preciso com o passar dos anos observar o aumento da fragilidade e agir preventivamente para que estes possam continuar independentes e com autonomia. Exemplos de sinais do aumento da fragilidade: perda de peso – perda de musculatura; fadiga – cansaço; alteração da mobilidade – marcha lenta e hesitante; ameaças de quedas ou quedas que antecipam as internações; tristeza – depressão; lapsos de memória – que prejudicam a sua autonomia diária.

Uma avaliação geriátrica ampla envolvendo vários profissionais resultaria em ações preventivas que garantiriam uma reabilitação da fragilidade e orientações para o monitoramento da manutenção da saúde, evitando internações ou visitas frequentes a médicos e hospitais.

Uma parte difícil das tarefas do cuidar de idosos fragilizados é que isso força os familiares a confrontarem questões sensíveis que estavam adiando por muito tempo. Ressentimentos entre pais e filhos, rivalidades entre irmãos, sentimento de culpa, raiva, medos – tudo isso vem à tona durante uma crise de saúde do idoso, quando decisões difíceis devem ser tomadas.

Ao mesmo tempo, a oportunidade de cuidar de pais idosos pode ser uma bênção. Pode aproximar pais e filhos intimamente e esses filhos descobrirem forças e qualidades que pensavam que nunca teriam. Ainda assim, é um trabalho difícil para os envolvidos no cuidado. O justo seria os cuidadores familiares fazerem a sua vida e a vida dos idosos mais leves, procurando ajuda e se organizando para que os cuidados aconteçam, dividindo tarefas

e somando esforços em parcerias familiares, amigos, serviços públicos e privados.

A situação delicada do cuidar da fragilidade dos familiares queridos é que nos força a confrontar com a mortalidade deles e a nossa. A dura parte é aceitar que eles estão no final da existência e que o inevitável está por vir.

Outra questão a considerar é que, se todas as pessoas chegarem a idades avançadas, a lógica indica a importância de todos planejarem o próprio envelhecimento. Cuidar da saúde e poupar ou ter uma aposentadoria que permita continuar tomando decisões sobre sua vida, mesmo com a velhice adiantada. A literatura mostra que os idosos preferem ter seu espaço pessoal preservado, em contato com amigos e a comunidade com os quais se habituaram. Mas se as crises de saúde já não o permitem, a mudança para uma instituição pode ser mais conveniente do que provocar uma crise familiar na casa dos descendentes.

Planejando os cuidados

Sempre se ouve dizer que, quando se cuida de pais/avós/tios em processo de envelhecimento com dependência, nós nos tornamos seus pais. Isso não é verdade. Nós seremos sempre os filhos e eles nossos pais, pois não importa quão frágeis eles se tornem, você pode se tornar responsável pelos seus idosos sem se transformar em seus pais. Ao infantilizá-los e dar-lhes ordens só irá propiciar situações de humilhação que eles não poderão contestar e em nada ajudarão na melhora do seu estado, seja ele qual for. Retirar seu papel e posição social dentro da família é outra fonte de humilhação.

Planos feitos com antecedência possibilitarão que se enfrentem os problemas com mais facilidade. Ter confronto com eles durante uma crise pode ser avassalador, desesperante e não levar a nada. De uma coisa pode-se ter certeza: se se tem pais idosos já com início de problemas de autocuidado, cedo ou tarde da noite você receberá um telefonema avisando que alguma coisa aconteceu. O que fazer?

Se ocorre uma emergência médica (derame, coma diabético, queda com fratura), as providências têm de ser tomadas com urgência e depois decidir o que fazer, ou seguir já um plano anterior para esses casos. Existia esse plano? Chegou a hora de avaliar como ficará o futuro próximo desse idoso, ouvindo em primeiro lugar a opinião médica. Tem o idoso a estrutura para ficar em casa? Poderá pagar cuidadores e empregada doméstica? Qual o valor da pensão e da poupança deles. Há possibilidades da mudança para instituição de longa permanência (casa de repouso)? Quais são as opções?

Começar do zero em um momento de crise é muito difícil, trabalhoso e caro. O mais prático é já ter as opções levantadas com o próprio idoso antes dos acontecimentos.

Alguns pontos importantes quanto a isso seriam, por exemplo:

- saber com antecedência o que o plano de saúde oferece;
- avaliar a situação financeira do(a) idoso(a) e dos filhos que podem ajudar se for necessário;
- conhecer os serviços para idoso dependente no bairro/cidade (rede de apoio);
- conhecer o preço desses serviços;
- ter um levantamento mínimo das casas de repouso possíveis para seu orçamento;

- ter orçamento para o cuidado em casa e sobre a infra-estrutura exigida.
- discutir com familiares (irmãos/esposo) a divisão de tarefas para supervisão dos cuidados;
- já ter decidido previamente quem será o curador legal perante as decisões;
- procurar ajuda/informações em associações que oferecem suporte para o cuidado;
- ter uma avaliação geriátrica sobre os possíveis riscos para a saúde ou a possível enfermidade;
- ter um acompanhamento geriátrico para prevenir crises e evitar complicações;
- respeitar o direito de o idoso saber sobre o diagnóstico e as possíveis complicações;
- avaliar opções de moradia para idosos: segundo idade, saúde, interesses e finanças.
- Para saber mais:
www.portaldoenvelhecimento.net
www.portalterceiraidade.org.br
www.sbgg.org.br/publico
www.abraz.com.br
www.parkinson.org.br
www.diabetes.org.br
www.direitodoidoso.com.br
www.agingwithdignity.org

Segundo Neri e Sommerhalder (2002) existem basicamente dois tipos de redes de apoio ao idoso no Brasil:

- A rede de apoio formal da qual fazem parte os hospitais, ambulatórios, consul-

tórios médicos e outras especialidades da área da saúde; clínicas geriátricas, instituições de longa permanência (casas de repouso), asilos, centros-dia e, mais recentemente, unidades de apoio familiar.

- As redes de apoio informal funcionam a partir de relações de parentesco, amizade e solidariedade (cônjuges, parentes e amigos).

De acordo com os dados de Jacob (2002), os serviços de apoio domiciliar são uma resposta que se apresenta como a solução ideal para muitos problemas dos idosos, porque, além da qualidade do serviço, permitem ao idoso ficar mais tempo na sua própria casa, apesar de existir o fator econômico como um fator de decisão. Mostra que a institucionalização é a forma mais cara de prestar cuidados de longa duração a pessoas idosas e a pessoas com deficiência. Segundo Born (2006), o alto custo das instituições de longa permanência é particularmente devido ao custo de pessoal, dada como indiscutível a necessidade de funcionários qualificados para assegurar o padrão de qualidade no atendimento satisfatório aos idosos.

O Poder das Decisões Antecipadas

A melhor sugestão é começar a tomar providências antes da crise chegar. Por exemplo, tão logo os pais comecem a envelhecer, logo após os 60 anos, o correto seria os filhos discutirem com eles questões de saúde, legais e financeiras.

É essencial escrever dois documentos. O primeiro seria um testamento em vida, descrevendo que tipo de tratamento ele ou

ela prefeririam receber no final da vida ou quando estiverem tão doentes para tomar suas próprias decisões, ou algo como uma “Declaração de vontade”. Já existem modelos desses documentos na internet. O outro documento é uma procuração, em que o(a) idoso(a) decidirá qual filho(a) ou outro membro da família irá representá-lo(a) ante interesses médicos e financeiros. Esses documentos são absolutamente críticos, pois sem eles os médicos e o banco não irão recebê-lo(a) ou ouvi-lo(a). E quando os problemas aparecerem, tais documentos diminuirão a possibilidade dos conflitos na família.

Segundo Pérola Braga (2003), especialista em direito do idoso, existem basicamente três tipos de testamento: público, cerrado ou particular, cada um com suas características. Cada testamento tem suas peculiaridades e um bom advogado pode identificar qual a melhor forma para cada caso em particular, mas é importante elucidar alguns pontos: o testador precisa estar plenamente lúcido e consciente da divisão que fez, e para evitar tentativas de desconstituição ou anulação do testamento por herdeiros insatisfeitos, o testador idoso deve providenciar um laudo médico que ateste sua sanidade e deve escolher boas testemunhas; pessoas bem articuladas e inteligentes que, no futuro, possam, realmente, confirmar que o documento foi feito por livre e espontânea vontade do testador. O mais importante é que um testamento reflita a vontade do testador e por isso mesmo possa ser alterado a qualquer tempo em vida, descrevendo que tipo de tratamento ele ou ela prefeririam receber no final da vida ou quando estiverem tão doentes para tomar suas próprias decisões. O outro documento é

uma procuração feita em cartório, em que o(a) idoso(a) escolhe um filho, membro da família ou outra pessoa de sua confiança para tratar de assuntos do seu interesse. O importante é saber que tanto o testamento quanto a procuração são documentos feitos com um requisito essencial: a total lucidez do idoso. Esses documentos representam a vontade do idoso e só têm validade quando essa vontade é demonstrada sem vícios ou coações, do contrário podem ser anulados.

Nesse momento é de vital importância consultar o Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741/2003), que é claro ao reconhecer:

“Art. 17 - *Ao idoso que esteja no domínio de suas faculdades mentais é assegurado o direito de optar pelo tratamento de saúde que lhe for reputado mais favorável.*

Parágrafo Único - *Não estando o idoso em condições de proceder à opção, esta será feita:*

I - *pelo curador, quando o idoso for interditado;*

II - *pelos familiares, quando o idoso não tiver curador ou este não puder ser contactado em tempo hábil;*

III - *pelo médico, quando ocorrer iminente risco de vida e não houver tempo hábil para consulta a curador ou familiar;*

IV - *pelo próprio médico, quando não houver curador ou familiar conhecido, caso em que deverá comunicar o fato ao Ministério Público.”*

Ou seja, os pais devem ter sempre a última palavra em decisões que afetem suas vidas e é por isso que as decisões mais importantes eles

devem resolver ainda quando estão saudáveis, lúcidos, embora idosos. E essas decisões são legais, e é o papel do(a) filho(a) fazer com que sejam cumpridas.

Opção por instituições requer critérios rigorosos

O tratamento ministrado por profissionais especializados hoje é um fato necessário numa época em que se alcançam idades avançadas, com patologias complexas e de difícil diagnóstico. O cuidado evidencia-se quando os tratamentos estão esgotados, a doença gerou dependência física ou mental (ou ambas) e desafia a possibilidade de cura. A administração do cuidado é difícil e complexa para famílias nucleares, com a mulher trabalhando fora e principalmente por conta das complicações médicas que afetam a idade avançada. Uma opção é avaliar uma moradia para o idoso. O mercado tem oferecido várias opções para os idosos que desejam manter a sua privacidade morando sós, mas com uma boa retaguarda de serviços. Ao optar por uma casa de repouso, os laços afetivos não precisam ser interrompidos. É possível estabelecer uma relação próxima com o familiar internado, resguardando o afeto e a responsabilidade.

Se for esta a decisão, os familiares devem ter em mente vários pré-requisitos:

- tipo de serviço que necessita;
- somente para parte do dia – manhã ou tarde;
- todos os dias e dormindo em casa;
- somente por período de dias, semanas;
- ou tipo de moradia permanente, na região dos familiares.

Segundo o médico geriatra Márcio Borges (2005), o conhecimento e a avaliação de alguns itens são fundamentais para uma boa escolha da casa onde deixar o familiar idoso(a), com tranquilidade e confiança:

- Registro da casa nos órgãos competentes: repartições municipais e secretária de saúde, bem como registro no Ministério do Trabalho.
- Referências de outras famílias e de profissionais de saúde sobre o trabalho da casa.
- Avaliar os recursos humanos de que dispõem: os profissionais que trabalham ali, sabendo de suas qualificações, número de cuidadores e de idosos.
- Em caso de emergência, qual é o procedimento adotado? Existe médico disponível 24 horas, ou pelo menos de sobreaviso? Há enfermeiros ou cuidadores treinados em primeiros socorros? Algum bom hospital por perto?
- Ver o regulamento da casa de repouso, avaliando-o minuciosamente.
- Observar as dependências, verificando sua limpeza, a boa ventilação e iluminação. Notar se é um local agradável, com bom espaço físico para transitar e para o lazer. Ver se possui alguma área verde ou se é bem localizado, em relação ao ambiente agradável e longe de poluição.
- Verificar se as dependências são preparadas para receber idosos (com corrimão nas escadas, piso emborrachado, boa iluminação, barras laterais nos banheiros).
- Possui experiência em receber idosos com demência? Já existe algum idoso

morando na instituição, nessas condições? Qual a equipe: profissionais da área de psicologia, enfermagem, nutrição, terapia ocupacional, fisioterapia ou fonoaudiologia?

- Critério de horário para visitas e de comunicação com os familiares.
- É bom que a instituição seja perto da casa de um dos filhos ou de parentes.

Outras questões importantes a serem consideradas em uma internação.

A favor:

- Quando é opção – decisão pessoal do(a) idoso(a).
- Falta de recursos pessoais e financeiros para o cuidado em casa.
- Segurança pessoal, amparo sem sentir culpa.
- Liberdade – sem crítica familiar.
- Quarto ocupado com mobília e objetos pessoais.
- Relacionamento sem conflito com filhos e netos.
- Nova família, socialização com pares.
- Saúde: atendimento multiprofissional.
- Atividades direcionadas para o idoso.
- Preservação dos valores culturais; exemplo: artistas, etnia...
- Cuidador particular, para acompanhamento na instituição.

Contra:

- Falta de opção – imposição familiar.
- Alto custo – sem tomada de preços nas opções existentes.
- Solidão pessoal e separação da família.

- Instituição paternalista, rotina rígida desfavorecendo visitas.
- Perda da privacidade (divisão do aposento com outras pessoas).
- Segregação de gerações.
- Valorização só de aspectos físicos da moradia.
- Desvalorização social e poucas atividades interativas.
- Atendimento precário: ausência de equipe multiprofissional.
- Pequeno número de funcionários para as demandas dos idosos.

Exemplo de opções de moradia para idosos: segundo idade, saúde, interesses e finanças.

	Tipo de moradia	Prós	Contras	Preços *
Vida independente	Residencial social sem assistência médica para vida independente de idosos que podem cuidar de si mesmos. Providencia transportes/ ingressos para eventos com o custo do usuário. Pode alugar ou comprar.	Residencial/flat do tipo condomínio, cheio de atividades preparadas para essa idade. Independência para escolher o estilo de vida. Alguns possuem restaurantes. Sem preocupação com consertos ou reparos no apartamento.	Se ficar doente, o custo é do idoso e se ficar dependente, tem de mudar.	R\$ 2.000,00 a R\$ 5.000,00
Assistência semidependente	Residencial mais simples. Oferece ajuda para idosos frágeis com dificuldades mas que ainda conseguem tomar conta de si mesmos.	Custo menor do que residencial/flat e mais confortável do que casa de repouso.	Pouco pessoal para todas as atenções requeridas pelo idoso. Dificuldades para administrar os remédios. Preço do cuidador particular é por conta do idoso.	R\$ 1.500,00 a R\$ 3.000,00
Instituição de longa permanência	Oferece assistência médica e atendimento de equipe: enfermagem, fisioterapeuta, fonoaudiólogo etc. Dirigida a pacientes com demência, diferentes estágios de reabilitação e no final da vida.	Atendimento para doenças crônicas com custo mais em conta do que hospital. Condição financeira determina o nível de conforto. Pode ter cuidador particular.	Quartos individuais são mais caros. Mistura pacientes com diferentes enfermidades. Problemas de relacionamento. Poucos funcionários e sobrecarregados.	R\$ 2.500,00 a R\$ 8.000,00
Ficar em casa	A maioria dos idosos prefere ficar em casa, próximos de amigos e vizinhos. Organizar a casa e a vida para permanecer no lar.	Evita mudanças traumáticas. Permite manter independência. Pode ser controlado em situações específicas. Cuidados individuais.	Compras, transporte, lazer, emergência podem se tornar complicados. Suportes precisam ser providenciados. Empregada doméstica/cuidador. Atendimento domiciliar, se não tiver plano, é caro.	Dependendo do caso, não é mais barato do que as outras alternativas.

* Preços pesquisados na cidade de SP em setembro/2006. Dólar a R\$ 2,18 (média).

Conclusões

Dado o rápido e progressivo envelhecimento da população brasileira, a sociedade e o Estado não estão preparados ainda para cuidar dos mais velhos. Existe, por força da demanda dos idosos, serviços públicos e privados tentando se organizar e criar condições de atendimento gerontológico. Mas o desafio é que os usuários dos serviços continuam aumentando e estão cada vez mais velhos e cada vez mais frágeis.

É importante a família se preparar para o acolhimento dos mais velhos, pois ela é a instituição significativa para o apoio e a solidariedade necessários aos membros que envelhecem. Mas poucos são os lares que possuem condições físicas, estrutura emocional e financeira para administrar esta questão. A ausência de informações sobre o processo de envelhecimento, de políticas públicas coordenadas para este segmento e a falta de suporte (rede de apoio) para as pessoas que cuidam dos familiares idosos desencadeiam muitas crises familiares e negligências nos cuidados.

Resumindo, quando um idoso perde sua independência, quais são as opções? A família é a primeira que assume a responsabili-

dade de cuidar, por intermédio de um ou vários de seus membros; o atendimento domiciliar, com serviços diversificados (alimentação, profissionais de saúde, serviços domésticos, entre outros); as instituições especializadas, com tratamento parcial (centro-dia), ou instituição de longa permanência; as instituições beneficentes, públicas; e para muitos idosos a única opção é ainda receber ajuda informal por parte de vizinhos e voluntários.

Na realidade brasileira os serviços ainda funcionam isoladamente, o que dificulta aos usuários fazerem escolhas adequadas para as suas necessidades. São necessários muita informação e trabalho de pesquisa para encontrar ajuda e tempo para coordenar os serviços, pois muitas vezes não estão disponíveis simultaneamente.

O ponto crucial de toda esta reflexão é que o idoso frágil ou com enfermidade não pode ficar em casa, sozinho, sem assistência. Em caso de emergência, o socorro deve ser imediato. A alternativa por uma instituição muitas vezes é a única solução. Mas, se a instituição já estava no planejamento da família, feito junto com o idoso, esta transição pode ocorrer com menos conflito e tensão. As decisões planejadas com antecedência ajudam a encarar a questão com realismo e respeito.

Referências Bibliográficas

BALTES, Paul B.; SMITH, J. Novas fronteiras para o estudo do envelhecimento: da velhice bem-sucedida do idoso jovem aos dilemas da quarta idade. *A Terceira Idade*, Sesc/São Paulo, v. 17, n. 36, jun. 2006.

BOBBIO, N. *O tempo da memória: de senectude e outros escritos autobiográficos*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997.

BORGES, Márcio F. *Convivendo com Alzheimer – Manual do cuidador*. Coordenador da Sub-regional da ABRAZ, Juiz de Fora-MG, 2005.

BORN, T. *Carros de boi e Instituições de Longa Permanência para Idosos (II)*. Às vésperas da Primeira Conferência Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa. Poços de Caldas, 22 de maio de 2006.

BRAGA, Pérola M. V. *Direitos do idoso*. São Paulo: Ed. Quartier Latin, 2003.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília. 03 out. 2003.

CÔRTE, B.; OLIVEIRA, B.; MEDEIROS, S. *Brasil: o que dizem os números sobre a pessoa idosa?* Trabalho apresentado no 15o ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS (ABEP), Caxambu-MG, 18 a 22 de setembro de 2006.

GLECKMAN, Howard. When a parent needs help. Elder Care. *Business Week*, n. 12, jul. 2004.

JACOB, L. *Serviços para idosos*. 2002. Disponível em: <<http://www.socialgest.pt/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EEVELFZVZYnTJExqh>>.

NERI, A. L.; SOMMERHALDER, C. As várias faces do cuidado e do bem-estar do cuidador. In: NERI, A. L. (Org.). *Cuidar do no contexto da família: questões psicológicas e sociais*. Campinas: Ed. Alínea, 2002.

Lazer, Velhice e Instituição Asilar: Reflexões Baseadas na Revisão de Literatura e nos Trabalhos Apresentados no Encontro Nacional de Recreação e Lazer (2001-2005)*



**MARCOS FILIPE
GUIMARÃES PINHEIRO**

*Graduado em
Educação Física,
membro do Centro de
Estudos em Lazer e
Recreação – CELAR, da
Universidade Federal de
Minas Gerais (UFMG).
narquinhos@yahoo.
com.br*

**CHRISTIANNE LUCE
GOMES**

*Coordenadora do
Mestrado em Lazer
da UFMG – Área
Multidisciplinar da
Capes. Professora da
Escola de Educação
Física, Fisioterapia e
Terapia Ocupacional
(EEFFTO) da UFMG.
chris@eef.ufmg.br*

* Este artigo, com algumas modificações, foi fruto de uma comunicação oral, apresentada no 18º Encontro Nacional de Recreação e Lazer, em novembro de 2006, na cidade de Curitiba/PR (Pinheiro; Gomes, 2006).

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão sobre o tema lazer, velhice e instituição asilar. No primeiro momento foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto e, em seguida, uma análise das coletâneas do Encontro Nacional de Recreação e Lazer – Enarel – nos últimos cinco anos (2001-2005). Procurou-se identificar, no conjunto dos trabalhos apresentados neste evento, a existência de estudos que abordassem o tema lazer e instituições asilares, tendo em vista verificar a sua ocorrência e possível evolução ao longo dos anos, os aspectos enfocados, bem como os grupos e/ou as universidades às quais estão vinculados. Verificou-se que, no período considerado, foram poucos os trabalhos apresentados no Enarel, nos últimos cinco anos, sobre o tema: um total de apenas cinco pôsteres, que, por serem resumos, não contêm ou não expressam consistência teórica. Os trabalhos sobre “terceira idade” e idosos(as), asilados ou não, em sua maioria, trazem relatos de experiência sobre intervenções – estas, quase sempre ligadas a algum projeto de extensão universitária.

Palavras chave: *lazer, idosos, instituições asilares*

Abstract

This article proposes a reflection on the topic of leisure, old age and elderly institutions. A bibliography research was conducted on this topic, followed by an analysis of study selections from the “National Meeting on Recreation and Leisure – Enarel” in the period of 2001 to 2005). We searched for studies presented in the meeting which dealt with the topic of leisure and elderly institutions in so far as its occurrence, its progress over the years and its corresponding aspects, as well as the groups and/or universities associated with it. During the period under consideration, it can be seen that there were few works presented in the “Enarel” in the last five years on such topic, totaling only five posters, which either don’t have or don’t express any theoretical consistence, for the reason that they are abstracts. Most of the works about “old age” and the elderly, whether or not living in elderly institutions, describe experiences on interventions – which are almost always linked to some university extension project.

Keywords: *leisure, elderly, elderly institutions.*

Introdução

Nosso interesse pela temática lazer e velhice surgiu há alguns anos, a partir de experiências voluntárias e profissionais com idosos(as), sendo algumas delas verificadas no âmbito de instituições asilares. A necessidade de aprofundar conhecimentos sobre o tema veio em seguida, sendo decorrente, sobretudo, da nossa participação no Programa de Educação Tutorial (PET-Educação Física e Lazer) e no projeto de extensão “Educação Física para a terceira idade”, ambos desenvolvidos na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.

Nossas primeiras buscas foram direcionadas para os conhecimentos produzidos sobre a velhice, um tema de pesquisa ainda recente em nossa realidade e que raramente apresenta considerações sobre o lazer das pessoas idosas, bem como sobre a sua importância nessa fase da vida – especialmente considerando o contexto das instituições asilares. Surgiu, assim, a curiosidade em verificar se o tema vem sendo tratado por estudiosos da área do lazer. Para iniciar nossa reflexão, fizemos uma revisão bibliográfica sobre a questão, complementando-a com uma análise dos trabalhos apresentados em um dos eventos científicos, de periodicidade anual, mais expressivos na área do lazer no Brasil: o Encontro Nacional de Recreação e Lazer – Enarel. Esse evento visa à disseminação e ao conhecimento da área, à discussão de pesquisas e estudos relacionados aos temas lazer e recreação e, em novembro de 2007, será realizada sua 19ª edição.

Para delimitar o estudo, utilizamos como fonte de dados as coletâneas do Enarel, publicadas nos últimos cinco anos (2001-2005), com

o objetivo de verificar a existência de estudos sobre o tema lazer e instituições asilares, discutir a sua possível evolução ao longo dos anos, os aspectos salientados pelos autores, bem como os grupos e/ou as universidades às quais estão vinculados. Dessa forma, optamos por realizar um estudo exploratório sobre a questão, considerando, especialmente, o conjunto dos conhecimentos produzidos no contexto de um evento científico na área do lazer, e apresentamos em seguida os frutos de nossas buscas, constatações e reflexões.

Esclarecendo os termos-chave do estudo

No Brasil, os termos e as expressões que designam as pessoas idosas variam muito. Não há uma definição única, pois mudam de acordo com a região e, principalmente, com o (pré)conceito que se tem acerca do envelhecimento. Por mais que se discuta a nomenclatura mais adequada para indicar esse período da vida, concordamos com Barreto (1997) quando a autora destaca a importância de se utilizar o termo *velhice*. A autora ressalta a necessidade de evitarmos expressões “glamourizadas” que são, na realidade, uma forma de negação da velhice, uma vez que frequentemente desconsideram as perdas e os ganhos inerentes a essa fase da existência. Dessa maneira, muitos evitam empregar os termos “velho” e “velha” para se referir às pessoas que, geralmente, passaram dos 60 anos de idade. Infelizmente a pessoa velha ainda é associada à “coisa” velha. O termo “velho” é geralmente retratado em um quadro de pobreza e abandono, no qual o indivíduo é marginalizado, infantilizado e tratado, às vezes, como “inútil”. Como coisas velhas que não são recicláveis, são descartadas

na sociedade do descartável, o velho aponta para esse paradoxo, que é tanto social como psicológico, que é filosófico, ético e também político. Como ele é humano e não pode ser lançado fora, a sociedade tem seus meios sutis de descartá-lo.

Neste estudo, não empregaremos alguns termos encontrados na literatura, como “maturidade” e “terceira idade”, por exemplo. O termo “maturidade” pode indicar um estágio concluído, como o de uma fruta madura, que já atingiu seu desenvolvimento ideal e está pronta para ser colhida. E a partir desse estágio iria se deteriorando e apodrecendo, como se na velhice não houvesse desequilíbrios e adaptações constantes como em qualquer e toda fase da vida do ser humano (Barreto, 1997). A expressão “terceira idade” talvez indique um processo trifásico que está se encerrando. Mas quais seriam as outras duas fases anteriores? Como então classificar infância, adolescência, juventude, a idade adulta etc., em apenas duas fases anteriores à chamada “terceira idade”? E será que existiria uma quarta fase, ou estaria a vida nela encerrada?

Alguns desses termos são utilizados para reforçar estereótipos de seres ativos, que respondem a novos desafios com facilidade, adotando estilos de vida e formas de consumo apropriadas, transformando assim o envelhecimento em um novo mercado de consumo. Há ainda alguns autores que começam a dividir os(as) velhos(as) em categorias entre si. Jovens idosos (65-75 anos), idosos-idosos (75-85 anos) e idosos mais velhos (85 anos em diante) (UHLEMBERG, 1987, e JOHNSON, 1987, apud DEBERT, 1999).

Em nossas reflexões, verificamos que o termo “idoso(a)” é um daqueles que parece indicar respeito quando há referência às pessoas velhas, ou seja, aos atores da velhice. Mesmo cientes de que não é uma palavra ou expressão, em si, que garante uma abordagem mais consistente, contextualizada e crítica da velhice, e que essa etapa da vida não segue necessariamente um período cronológico, consideramos interessante tratar desses sujeitos como *peessoas idosas*, atentando ainda ao fato de que, em nossa realidade, as mulheres – por diversas razões – constituem a maioria dessa população.

Na literatura estudada, não foram encontradas discussões e divergências de nomenclaturas que se referem aos lugares que abrigam pessoas idosas. Utilizaremos a expressão *instituição asilar*, por englobar um maior número de lugares/espacos com características semelhantes, e também o termo *asilo*, por ser o mais comumente utilizado em nosso meio.

Compreendendo a temática da velhice

Ganhando cada vez mais destaque na sociedade, seja pelos meios de comunicação em massa ou no tumultuado dia-a-dia, os “clubes da terceira idade”, “centros/grupos de convivência”, comunidades de bairro e outros tipos de associações que lidam diariamente com pessoas idosas crescem em ritmo acelerado na contemporaneidade. Pode-se dizer que isso é um reflexo do crescimento da população idosa brasileira que dobra seu número a cada 20 anos. Cerca de 14 milhões de brasileiros atualmente têm mais de 60 anos de idade. O que corresponde a quase

10 % da população brasileira¹. De acordo com os dados do IBGE (2004), em 1980 pra cada 100 crianças havia 16 idosos(as). Em 2000 para as mesmas 100 crianças já havia 30 idosos(as), quase o dobro em um período de apenas 20 anos.

É importante salientar que a velhice e o processo de envelhecimento são realidades heterogêneas. Podem variar de acordo com as culturas e subculturas, conforme os tempos históricos, entre as classes sociais, com as histórias de vida pessoais, com as condições educacionais, os estilos de vida, os gêneros, as profissões, as etnias etc., entre os muitos elementos que fazem parte e permeiam o universo histórico e sociocultural de indivíduos e de grupos. Patologias que ocorreram durante o processo de envelhecimento e desenvolvimento, além de fatores genéticos e relacionados ao ambiente ecológico, influenciarão também o modo de se envelhecer (DEBERT, 1999).

Entretanto, o que se percebe é que o envelhecimento não é valorizado em sua essência e está cada vez mais associado à doença, tornando-se muito temido e marginalizado, chegando a ser combatido em busca de uma certa “cura”. Doenças associadas à velhice prevalecem pela menor capacidade orgânica de combatê-las. Apesar de nossas perdas funcionais serem normais, e ocorrerem pelos milhões de mudanças que acontecem ao longo da vida, aparentes ou não, elas realmente acarretam uma maior vulnerabilidade. Deve-se levar em conta, por exemplo, o alto nível de cuidados com a saúde das crianças. Estas não são doentes em si mesmas, mas apenas apresentam um delicado e frágil organismo naquela etapa da

vida. O que faz mal é a doença, e não a idade. Há um declínio na plasticidade, na capacidade de ajustar-se fisicamente, crescer, aprender e inovar. Decresce também a resiliência, ou seja, a capacidade de se recuperar após a exposição a traumas ou pressões provenientes do ambiente ecológico, do ambiente social, da dinâmica do seu organismo biológico e da sua personalidade (STAUDINGER; MARSISKE; BALTES, 1993, apud CACHIONI; NERI, 1999).

Mais do que a própria doença em si – com seus sintomas desagradáveis, com os cuidados e medicamentos que exige em qualquer fase da vida –, é a maneira como ela é encarada pelo indivíduo que determina a possibilidade ou não de continuar com o seu cotidiano, seus planos e projetos e participar de novas ações. Velhice bem-sucedida não é a manutenção ou conservação do desempenho de pessoas mais jovens. Envelhecer bem vai depender do equilíbrio entre as limitações e as potencialidades do indivíduo, o que lhe permitirá, com diferentes graus de eficácia, lidar com as perdas de capacidades ocorridas durante o envelhecimento. Se tais perdas limitam a aprendizagem de novas habilidades, de coisas novas, em contrapartida, a experiência de vida facilita a solução de problemas da vida prática, traz a capacidade de aconselhamento e a troca de experiências.

A vida é uma constante possibilidade de adaptações e auto-regulações nas esferas biológicas, psicológicas e sociais. E ter saúde é preservar a qualidade de vida, encarando as dificuldades físicas, emocionais e existenciais, cuidando delas e superando-as, como salienta Barreto (2001).

¹ Fonte: Ipea.

Por vezes, conceitos carregados de expectativas adultas ou infantis sobre a velhice contribuem com a idéia de a pessoa idosa ser um adulto decadente e com uma conseqüente negação da velhice por parte de seus representantes. Uma perda cultural da fantasia de si mesmo em seus mais diferentes aspectos – religião, filosofia, ideologia, arte, política – torna-se quase inevitável. Homens e mulheres tentam a todo custo mascarar e, se possível, eliminar traços físicos e emocionais do envelhecimento, reafirmando uma crença neurótica e imatura no mito da eterna juventude e na imortalidade humana. Fantasias que procuram resistir à realidade, negando o seu curso natural. Ariès (1990) já dizia que a fuga do envelhecimento e a negação da velhice escondem um receio mais profundo, que é o medo da morte.

Talvez sejam frutos e reflexos da supervalorização do jovem e de sua juventude em nossa cultura/sociedade ocidental. Valores introduzidos na infância e reafirmados ao longo da vida, pois, de acordo com Gomes e Faria (2005, p. 38), a juventude constitui um modelo cultural que se projeta sobre as demais fases da vida: “Daí a importância de não abordar cada faixa etária em si, mas buscar identificar nos interstícios, nas zonas de fronteira, as questões que nos revelam o sentido que o curso da vida pode assumir em função das demarcações culturais que definem esse sistema de relações”.

Por essa razão, a velhice constitui uma categoria que precisa ser compreendida com mais profundidade, evitando-se naturalizações. Um diálogo intergerações poderia colaborar com a (re)construção de idéias, valores e conceitos a esse respeito.

No âmbito político, algumas conquistas estão sendo atingidas, mas muitas delas acabam se limitando a promover descontos em estabelecimentos comerciais, gratuidade em instituições e eventos culturais, em viagens e empresas de turismo. Além disso, lamentavelmente esses “benefícios” ainda não se tornaram realidade para a maioria dos idosos brasileiros, seja por estarem enclausurados em casa ou em alguma instituição que não lhes permite terem o devido acesso; ou por qualquer outro motivo que os impeça de participarem do que foi conquistado.

O Estatuto do Idoso, de 2003, é uma iniciativa que demonstra a preocupação de proporcionar à população alguns esclarecimentos sobre essa fase da vida, bem como mostrar a relevância de assegurar aos idosos uma velhice com mais dignidade. De acordo com este documento, o(a) idoso(a) goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades para preservação de sua saúde física e mental e para seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade. Conforme o Estatuto, é obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público garantir ao(à) idoso(a), com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

Ações governamentais contribuem, mas não bastam. É preciso entender que, apesar das perdas funcionais orgânicas e mentais, o envelhecimento é capaz de gerar um ser humano

idoso sadio, com auto-suficiência para as tarefas diárias, com capacidade adaptada para manter relações intelectuais e sociais com o meio que o rodeia (LEITE, 1996). E essas tarefas diárias, cada vez mais, tornam a se caracterizar como atividades produtivas.

Na atualidade o idoso e a idosa brasileiros, em contraste com pessoas estudadas na França nos anos de 1961 a 1970 (DUMAZEDIER, 1999), tendem a continuar com alguma forma de trabalho após a aposentadoria. Um dos fatores é a própria educação para o trabalho, que em nossa sociedade é ensinada e (re)passada. Porém, o principal ainda é a baixa condição financeira das famílias. No Brasil, em 25 % das famílias, uma pessoa idosa contribui com 54 % da renda e 87 % dos homens idosos são considerados chefes de família (IBGE, 2004).

Pode-se então observar que uma grande parcela de pessoas idosas, no Brasil, ainda possui determinadas responsabilidades em seus lares, contribuindo economicamente com as famílias. O que pode representar a necessidade de manutenção de algum tipo de trabalho formal e/ou informal. Aposentadoria e pequenos serviços também garantem a renda. Uma pesquisa realizada com idosos e idosas de um projeto de extensão universitária, na UFMG, mostrou que 94 % dos entrevistados estavam envolvidos com algum tipo de trabalho ou ocupação diária. Entretanto 55 % afirmaram participar de algum tipo de vivência lúdica durante a semana, indicando que experiências de lazer podem efetivamente fazer parte do cotidiano dessas pessoas idosas (GOMES; PINTO, 2005). Como será essa realidade, se considerarmos o contexto das instituições asilares?

A TV como principal possibilidade de lazer para as pessoas idosas asiladas

As instituições que abrigam pessoas mais velhas, geralmente a partir de 60, 65 anos de idade, são chamadas de asilos, casas geriátricas, casas de repouso, lares e abrigos, entre outras denominações. Podem ser públicas ou privadas e receber subsídio do governo, ou não. Algumas dessas instituições são simples, outras, mais sofisticadas; às vezes atendem a um determinado gênero, outras abrigam pessoas idosas de ambos os sexos, com muitos ou poucos residentes. Todavia, tais lugares têm como principal responsabilidade acolher e cuidar dos seus internos, fornecendo-lhes alimentação, moradia, cuidados com a higiene pessoal e a saúde. Para alguns, é proporcionado também o acesso a atividades recreativas, lúdicas, esportivas, manuais e sociais, tendo em vista promover uma velhice com cidadania, dignidade e liberdade.

Nobres objetivos, mas, infelizmente, às vezes constata-se uma outra realidade em determinados estabelecimentos. Falta de profissionais qualificados, ou número insuficiente destes, pouquíssima ajuda voluntária, falta de recursos financeiros, espaço físico e recursos materiais limitados são algumas das dificuldades verificadas. Se as condições básicas de existência ficam prejudicadas, muitas vezes ficam também comprometidas as vivências de lazer, especialmente nas instituições asilares públicas.

Debert (1999) cita duas orientações distintas no trato da velhice asilada. A primeira aproveita-se da idéia positivista de envelhecimento. Reconhece o velho como historiador

nato, “depositário de uma experiência e de um saber único e exclusivo dado pelos anos vividos”. A segunda, pautando-se no conceito de velhice predominada pela solidão, é centrada em técnicas de interações entre os residentes como meio de “criar uma solidariedade entre os mais velhos”. Algumas vezes a entrada no asilo é encarada como possibilidade de manutenção de papéis sociais, independência, entre outras expectativas de uma vida social que poderia ser ameaçada fora da instituição. Essa idéia que justifica o ingresso no asilo, planejado e pensado mesmo com convites e chamados de parentes, contrasta com relatos de abandono e com a idéia de não querer ser um estorvo para os filhos(as), com uma autodepreciação e desvalorização.

Par alguns a instituição asilar é um lugar definitivo, mas, para outros, sua permanência pode ser temporária. A impossibilidade de uma vida social ativa no asilo pode torná-lo um lugar frustrante, com poucas chances de interagir, encontrar e conhecer pessoas, pois as diferenças são reduzidas e as similaridades, ressaltadas, como se a velhice fosse naturalmente homogênea.

Segundo Debert (1999), muitos valores e indicadores de bem-estar são comuns entre os internos, assim como medos. Independência, níveis de autonomia, capacidades motoras, vestibulares, entre outros, são indicativos de saúde e que se transformam em certo *status* entre os residentes. Segundo a autora a senilidade é o grande temor dos asilados e as tentativas de demonstração de que não se está senil são constantes entre eles. Com isso se percebe uma regulação interna, em algumas instituições, sobre as atitudes dos internos para não

parecerem senis, ou esclerosados, o que pode acelerar o processo inverso. Isso retrata a idéia e a concepção que as pessoas velhas têm de si mesmas. Envelhecer sem parecer velho é um reflexo da concepção apregoada pela sociedade e inscrita nas pessoas idosas.

Em nosso contexto, observamos que na maioria dos asilos as “propostas recreativas” com uso de televisão são amplamente aceitas e utilizadas, de maneira que os(as) idosos(as) podem ficar sentados(as) por horas simplesmente absorvendo as informações difundidas, sendo a maior parte das programações de TV aberta de qualidade questionável. Com as limitações provenientes do envelhecimento, outras atividades como leitura (que exige boa visão) e atividades manuais (podem requerer boa visão e coordenação motora fina) vão sendo deixadas de lado ou substituídas. Com o declínio da audição, até mesmo o rádio pode ser inutilizado e a TV, como possibilidade de lazer – sendo este lamentavelmente visto apenas como distração e entretenimento para os internos –, ganha cada vez mais espaço nesse ambiente.

Entretanto, o uso indiscriminado da TV pode ser problemático, pois reforça a ideologia capitalista e o consumismo, a juventude como modelo cultural e realidades bem diferentes e distantes das vividas pelos(as) velhos(as). Quanto mais pessoas idosas e de outras faixas etárias dediquem parte significativa de seu tempo livre à TV, sem mediações críticas, vêem que a pobreza, a teimosia, a excentricidade e a doença são características obrigatórias dessa fase e, portanto, a pessoa que a vive é considerada ultrapassada, obsoleta e não-desejável. Tais características, retratadas de forma acentuada na TV, estimulam a

manutenção e consolidam atitudes errôneas, noções incompletas, instituem códigos, crenças, papéis, expectativas sociais, estimulam ações negativas e restringem cada vez mais o papel do(a) idoso(a) na sociedade.

A que se deve o êxito que a TV vem obtendo em relação a esse segmento da população brasileira? Podemos encontrar muitas respostas para essa questão, mas ela pode ser um reflexo da carência afetiva, psicológica e assistencial das pessoas idosas; pode ser um meio de evasão, um recurso para preencher o vácuo de companhia e comunicação, além é claro de ocupar o tempo ocioso. Ela será usada como um substituto de..., uma alternativa a..., e como um remédio para...

Outras experiências de lazer poderiam ser desenvolvidas e estimuladas nas instituições asilares, especialmente naquelas vinculadas ao setor público, que apresentam limitações de ordens diversas – fazendo com que o lazer desse grupo fique ainda mais prejudicado. Afinal, a conquista de uma velhice com dignidade implica acesso a experiências significativas de lazer, seja no âmbito das vivências corporais, artísticas, sociais, manuais, cognitivas e turísticas. Momentos que valorizem o criar, o pensar e o refletir, o descobrir do seu espaço, do seu mundo e do do outro não podem ser deixados

de lado. Trata-se de um direito, e não de um privilégio.

Em face dessas ponderações iniciais, consideramos importante verificar se questões relacionadas ao lazer de pessoas idosas que vivem em instituições asilares estão sendo evidenciadas no conjunto dos trabalhos apresentados no Enarel nos últimos anos. Assim, no próximo tópico do trabalho apresentaremos o resultado de nossas buscas, que tomaram, como fonte de dados, as coletâneas desse evento, publicadas no período 2001-2005.

Discussão do tema no contexto do Enarel (2001-2005)

A partir da análise das coletâneas do evento nos últimos cinco anos, encontramos os seguintes resultados: em nenhum deles identificamos mesas temáticas ou comunicações orais sobre o tema “Lazer, pessoas idosas e asilos”. Essa ausência de estudos sobre o tema pode ser um indicativo de que os estudiosos da área do lazer não estão envolvidos com este grupo social, não vêm compartilhando seus estudos e experiências neste âmbito ou não tiveram seus trabalhos aprovados. Foram encontrados apenas pôsteres, cinco no total, conforme a tabela abaixo:

Ano do evento N. de trabalhos	2001	2002	2003	2004	2005
Pôster	1	1	2	1	0
Mesa temática	0	0	0	0	0

No ano de 2001, o Enarel ocorreu em Natal/RN e privilegiou a discussão do tema “Lazer, transdisciplinaridade e educação”. Entre os mais de 130 pôsteres aceitos para o evento, encontramos apenas um relacionado ao nosso objeto, no grupo temático “Lazer e terceira idade”, que foi constituído por 4 pôsteres. O pôster encontrado tem como título *O lazer no asilo: voluntariado na terceira idade – Sesi*. É de autoria de um acadêmico de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e de uma professora de Educação Física do Sesi/RN.

No Enarel realizado em 2002, em Santa Cruz do Sul/RS, a programação científica central tratou do tema “Lazer: desenvolvimento regional e estilo de vida”. O evento contou com a apresentação de mais de 200 pôsteres. Também encontramos a presença de um grupo temático – “Lazer, necessidades especiais e terceira idade” – contendo 12 mesas, sendo que 4 focalizaram a questão da “terceira idade”. Foram apresentados 29 pôsteres nesse mesmo grupo temático e também 1 pôster sobre lazer e pessoas asiladas. Este trabalho tem como título *Centro de lazer e recreação do idoso: animação sociocultural em instituições asilares*, de autoria de Diná Santiago Petenuzzo, Diosele Moura de Souza, Karine Dalsin e Luanda dos Santos Dutra, todas de Porto Alegre/RS.

No ano de 2003, o evento foi em Santo André/SP e teve como tema “Lazer e trabalho: novos significados na sociedade contemporânea”. Houve pouquíssimas mesas sobre “terceira idade”, apenas duas. Entre os mais de 100 pôsteres apresentados, grande parte trazia relatos de projetos de extensão universitária e programas

de lazer desenvolvidos para grupos de idosos. Foram encontrados 2 com conteúdo relacionado ao nosso objeto. Os 2 trabalhos têm como orientadora a professora Andréa K. Gonçalves e alunos do curso de graduação em Educação Física da Universidade Luterana Brasileira (Ulbra), de Canoas/RS. O primeiro tem como título *Possibilidade de lazer na instituição asilar* e contou com a participação das acadêmicas Aline Medeiros e Carolina B. M. S. Longoni. O outro pôster apresentado foi *Experiência de lazer na fase da terceira idade* e teve como autores os acadêmicos Adriano M. de Assis, Angélica S. Moreira e Dilamara J. Longoni.

“Lazer como cultura: o desafio da inclusão” foi o tema do Enarel realizado em Salvador/BA, em 2004. A coletânea não apresenta divisão dos trabalhos em grupos temáticos, e também não encontramos nenhuma mesa temática sobre a “terceira idade”. Foram apresentados mais de 200 pôsteres em todo o evento e, entre eles, apenas um tratou do lazer e de pessoas asiladas. O trabalho traz o título *Projeto “Momentos Melhores” no Abrigo Santa Clara*. Seus autores são a professora Yara Kuster e os acadêmicos do curso de Aprofundamento de Lazer e Recreação Fernanda Gomes e Paulo Roberto Motta, da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP).

Finalmente, em Campo Grande/MS, no ano de 2005, ocorreu o XVII Enarel. Encontramos nesse evento algumas mesas e pôsteres sobre “terceira idade” – tema este mais escasso nesse evento em comparação com os outros pesquisados – distribuídos por vários grupos temáticos, mas nenhum deles tratou especificamente da velhice asilada.

Assim, infelizmente não observamos um crescimento desse campo de conhecimento que

estuda e pesquisa a velhice, a população idosa, asilada ou não, e suas formas de entendimento e fruição do lazer. A maioria dos trabalhos trata do tema de forma muito superficial, e restringe-se, na maioria das vezes, a relatos de experiência.

No período 2001-2005 todos os trabalhos encontrados têm, como substrato, as intervenções realizadas nas instituições. Exceto o trabalho *Experiência de lazer na fase da terceira idade*, citado anteriormente, que trouxe um outro enfoque, um pouco mais elaborado, destacando-o dos demais. Os autores realizaram uma entrevista estruturada sobre definição de lazer e atividades de lazer praticadas ao longo da vida, aplicada em dois grupos: pessoas asiladas e não asiladas.

Em síntese, foram poucos os trabalhos apresentados no Enarel, nos últimos cinco anos, sobre o tema “Lazer, pessoas idosas e asilos”: um total de cinco pôsteres, que por serem resumos não contêm ou não expressam consistência teórica. A maioria dos trabalhos sobre “terceira idade” e idosos(as), asilados ou não, traz relatos de experiência sobre intervenções – estas, quase sempre, ligadas a algum projeto de extensão universitária.

Considerações finais

As pesquisas nessa área ainda caminham a passos lentos. Esperávamos que a produção científica pudesse indicar um movi-

mento ascendente com relação ao estudo sobre lazer e pessoas idosas, o que não ficou claro durante as análises das coletâneas do Enarel nos últimos cinco anos.

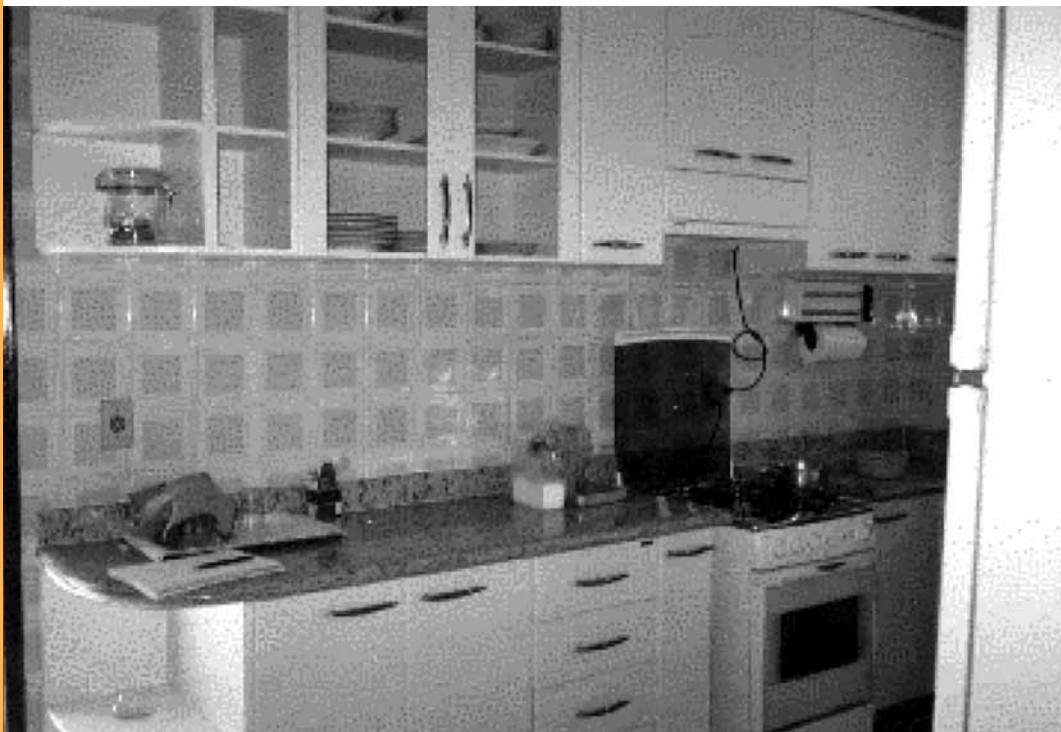
Apesar de percebermos o envolvimento de algumas universidades com as pesquisas e os projetos relacionados ao tema, concordamos com Debert (1999), quando a autora afirma que a produção na área vem se consolidando apesar de incipiente e pouco científica. De acordo com nossos estudos, a produção de conhecimentos referente ao lazer para pessoas idosas ainda é pouco expressiva, sobretudo em eventos como o Enarel. Principalmente se comparada com o desenvolvimento de trabalhos com outros enfoques, como lazer e infância, lazer e grupos sociais jovens e políticas públicas de lazer, que já apresentam uma consistência e uma abrangência maiores, em comparação com o assunto aqui investigado.

Esperamos que um maior interesse sobre o tema venha a surgir, possibilitando uma maior produção científica sobre o tema, ainda incipiente e carente de pesquisas sobre uma questão tão importante na contemporaneidade: seja para a sociedade em geral, para os estudiosos e profissionais da área do lazer, para aqueles que trabalham e lidam em todas as esferas do cotidiano asilar, além de, obviamente, para os próprios moradores dos asilos, que na maioria das vezes desconhecem que também têm direito ao lazer.

Referências Bibliográficas

- ARIÈS, P. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- BARRETO, M. L. F. Lazer e cultura na velhice. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 9., 1997, Belo Horizonte, MG. *Coletânea do IX Enarel – A diversidade cultural no lazer*. Belo Horizonte: UFMG, 1997. p. 130-136.
- BARRETO, M. L. F. *Potencial turístico da terceira idade*. Belo Horizonte: Sesc, 2001.
- BRASIL. Estatuto do Idoso. Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003. Belo Horizonte: Del Rey/Mandamentos, 2003.
- DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Edusp/FAPESP, 1999.
- DUMAZEDIER, J. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva/Sesc, 1999.
- CACHIONI, M.; NERI A. L.: Velhice bem-sucedida e educação. In: *Velhice e sociedade*. Campinas, SP: Papirus, 1999. p. 113-140.
- ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 13., 2001, Natal. Lazer, transdisciplinaridade e educação. Natal: Cefet, 2001. 1 CD-ROM.
- ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 14., 2002, Santa Cruz do Sul. Lazer: desenvolvimento regional e estilo de vida. Santa Cruz do Sul: Unisc, 2002. 1 CD-ROM.
- ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 15., 2003, Santo André. Lazer e trabalho: novos significados na sociedade contemporânea. Santo André: Sesc/São Paulo, 2003. 1 CD-ROM.
- ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 16., 2004, Salvador. Lazer como cultura: o desafio da inclusão. Salvador: Sistema Fieb/Sesi, 2004. 1 CD-ROM.
- ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 17., 2005, Campo Grande. Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 2005. 1 CD-ROM.
- GOMES, C. L.; PINTO, G. B. *Lazer e idosos: estudo exploratório no contexto de um Projeto de extensão universitária*. Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, 2005. (Relatório de pesquisa, mimeo.)
- GOMES, A. M. R.; FARIA, E. L. *Lazer e diversidade cultural*. Brasília: Sesi/DN, 2005.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2004. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 15 fev. 2006.
- LEITE, P. F. *Exercício, envelhecimento e promoção de saúde*. Belo Horizonte: Health, 1996.
- LORDA, C. R.; SANCHEZ, C. D. *Recreação na terceira idade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.
- MOTTA, E. Envelhecimento social. *A Terceira Idade*, Sesc, v. 2, n. 2, 1989.
- NERI, A. L.; SILVA, E. B. do N. e. *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas, SP: Papirus, 1993.
- NERI, A. L.; DEBERT, G. G. (Org.). *Velhice e sociedade*. Campinas, SP: Papirus, 1999.
- PINHEIRO, M. F. G. ; GOMES, C. L. Lazer e instituições asilares: reflexões baseadas na revisão de literatura e nos trabalhos apresentados no Encontro Nacional de Recreação e Lazer (2001-2005). In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 18., 2006, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2006. 1 CD-ROM.
- PINTO, L. M. S. M. *A construção da interdisciplinariedade no lazer: experiência política da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte*, s/d. (mimeo.)

Avaliação de Funcionalidade em Cozinhas Residenciais para Pessoas da Terceira Idade a Partir da Análise Ergonômica do Trabalho



ELIANE FERREIRA CUNHA
*Economista Doméstica
pela Ufv*

**JULIANA ALEXANDRINO
SANTOS**
*Graduada em
Economia Doméstica
jualexandrinos@yahoo.
com.br*

**JAQUELINE FIRMINO
FIALHO**
*Estudante do Curso de
Economia Doméstica
da Ufv
jacfialho2@hotmail.
com*

**SIMONE CALDAS TAVARES
MAFRA**
*Professora Adjunta
do Departamento de
Economia Doméstica
da Ufv
sctmafra@ufv.br*

Resumo

A ergonomia é uma ciência praticamente nova, que surgiu a partir da década de 1940, com o objetivo de estudar as relações entre o homem e o seu papel dentro do contexto social e tecnológico. O estudo da análise ergonômica no Brasil ainda é recente e passou a ser exigido às empresas a partir da portaria número 3751, de 23/11/1990, com a redação da Norma Reguladora NR17 que é o resultado do esforço conjunto de vários setores da sociedade. Com publicação da NR-17 começou-se a exigir análises das condições de trabalho, ligadas aos problemas dos trabalhadores e às formas de organização do trabalho. No texto da NR-17, no item 17.1 conta que a ergonomia “visa estabelecer parâmetros que permitam a adaptação das condições de trabalho às características psicofisiológicas dos trabalhadores, de modo a proporcionar um máximo de conforto, segurança e desempenho eficiente”. Este estudo buscou analisar através análise ergonômica, o posto de trabalho “cozinha” no setor de cocção para poder propor um ambiente mais adequado às necessidades das pessoas da terceira idade.

Palavras chave: *cozinha, análise ergonômica, ergonomia.*

Abstract

Ergonomics is virtually a new science which started out in the 40s with the purpose of studying the relations among men and their role within the social and technological context. The study of ergonomic analysis in Brazil is relatively recent, becoming mandatory for companies upon the approval of administrative rule no. 3751, of November, 23.11, 1990, consolidated by Normative Rule NR-17, which resulted from the concerted efforts from various sectors of society. When Rule NR-17 went into effect, the assessment of work conditions relating to workers and work organization forms became mandatory. Pursuant to the provisions of Rule NR-17, item 17.1, ergonomics “seeks to establish parameters to enable the adaptation of work conditions to the workers’ psychophysiological characteristics so as to provide a maximum level of comfort, safety and efficient performance”. This study sought to analyze the work post “kitchen”, in the cooking sector, in order to propose a more adequate environment to meet the needs of elderly people.

Keywords: *kitchen, ergonomic analysis, ergonomics.*

Introdução

A cozinha é um lugar de trabalho e foi detalhadamente estudada por peritos desde a década de 1920, e chegaram à conclusão de que a dona de casa, em sua cozinha com grande mesa, grande armário, fogão e pia, não trabalhava de maneira racional. Ela deveria percorrer grandes distâncias entre um e outro local, trabalhando com desperdício de tempo e de forças. A cozinha é a dependência da casa onde há maior possibilidade de uso, é aquela a que se dedica o maior tempo em uma casa. E a pessoa mais indicada para selecionar os elementos a compô-la, e a sua distribuição, é quem irá permanecer nela por um tempo maior, e também se deve levar em conta as necessidades da família, permitindo que esta contribua com suas idéias para a elaboração do projeto da cozinha. Assim, esta deve ser adaptada à usuária e nunca ao contrário. “A cozinha deverá ser planejada e organizada de maneira que o idoso trabalhe e se oriente de modo mais fácil e seguro, possibilitando assim viver com o máximo de independência, compatível com a habilidade de cada um”. O segredo de um bom desempenho dos idosos dependerá da adaptação do ambiente em que vivem e de serem tratados como pessoas capazes, com aspirações normais, interesses e cuidados. A segurança e a funcionalidade do ambiente são essenciais.

Quinas poderão interferir com o movimento, assim como saliências no chão. As superfícies deverão ser planejadas com acabamento próprio provido de saliências para prevenir acidentes; tapetes pequenos deverão ser removidos para evitar tropeções e escorregões e perto da pia é aconselhável um tapete de borracha; os equipamentos deverão ter uma

boa distribuição; os centros de trabalho deverão formar o triângulo de trabalho; deve-se ter uma boa iluminação para uma melhor higienização e melhor desenvolvimento das tarefas a serem realizadas.

Com o rápido progresso tecnológico, vários aparelhos e equipamentos invadem a cozinha, tornando o cozinhar mais fácil e mais rápido.

Objetivo

O objetivo do presente trabalho foi o de verificar a análise ergonômica no posto de trabalho “cozinha”, sendo mais precisa na parte de cocção, considerando a relação entre o posto e as funções exercidas pela usuária, e analisando também as conseqüências na saúde desta.

Metodologia

Inicialmente foi escolhida uma população da terceira idade, do sexo feminino e maior de 65 anos, e foi feita uma análise que consiste numa decomposição da situação de trabalho por intermédio das análises da demanda, da tarefa e das atividades. Os métodos utilizados foram:

- entrevista direcionada com a usuária;
- observações da cozinha e das áreas adjacentes (área de serviço e sala de jantar);
- observação do trabalho de cocção (especificamente o preparo do almoço);
- visitas à cozinha com o objetivo de levantar dados para análise detalhada das atividades por meio do recurso de fotografias.

Assim foi feita a recomposição da situação de trabalho. As variáveis foram analisadas e discutidas baseando-se nos princípios que regem a metodologia de Análise Ergonômica do Trabalho; entre estes cita-se o da globalidade, o que tornou possível a realização do diagnóstico e das recomendações.

Análise da Demanda

A demanda surgiu por meio da necessidade revelada pela usuária de fazer algumas adequações em sua cozinha. Apesar de usar o triângulo de trabalho, ela precisava de uma cozinha mais bem equipada (em termos de equipamentos, móveis e superfície de trabalho).

Neste sentido a usuária contratou um profissional para refazer o projeto da sua cozinha. Este aproveitou o triângulo de trabalho já existente, e fez uma distribuição dos centros de trabalho, para que estes atendessem às atividades desenvolvidas pela usuária, ampliou sua área de armazenamento, sua superfície de trabalho e sugeriu equipamentos (lava-louças, depurador, geladeira maior) que facilitariam na realização das tarefas, deixando-a mais descansada e mais confortável para a realização do trabalho. Mesmo assim a usuária acreditava que pudessem ser feitas algumas modificações (adequações), facilitando ainda mais o seu trabalho.

O objeto da demanda é a observação e identificação de novas condicionantes da trabalhadora na execução de atividades relativas à cocção, especificamente quanto ao preparo do almoço. Foram mantidos contatos com a usuária, dadas as características em estudo.

A casa localiza-se no bairro Centro, município de Viçosa-MG. Na ocasião procurou-se

tomar conhecimento do funcionamento geral da casa, mas sempre dando ênfase ao funcionamento da cozinha. Esta, por sua vez, localiza-se próximo da sala de jantar e de um hall que vai para a área de serviço. Nesta entrevista foi possível detectar problemas que originaram a demanda anteriormente relatada, conforme as falas abaixo:

“Eu mesma realizo todas as tarefas na cozinha; faço compras, organizo-as no armário, preparo as refeições” (dona de casa).

“Gosto muito da minha cozinha que foi projetada pela Marca ‘X’.

Ela é funcional e os equipamentos estão bem-dispostos; porém eu gostaria de poder fazer as refeições na própria cozinha mas não há espaço” (dona de casa).

“A cozinha é um pouco pequena por não caber uma mesa, mas a distribuição dos equipamentos e o triângulo de trabalho são adequados, funcionais.

Os armários são brancos para uma melhor higienização, os tampos da bancada são em granito marrom (amarelado) para facilitar na limpeza. Os armários são um pouco altos, principalmente para utilizar as duas prateleiras de cima, assim procuro guardar nestas objetos de pouco uso no dia-a-dia” (dona de casa).

A princípio os problemas constatados a partir da demanda são decorrentes da falta de organização dos mantimentos em geral; por exemplo legumes e hortaliças encontram-se em outra cozinha, no terraço que funciona como uma despensa da casa, dificultando assim o acesso a eles. De manhã a usuária vai ao terraço para buscar o que ela precisa usar para o preparo do almoço e desce com tudo o que vai ser utilizado, e quando, no decorrer do preparo da refeição, esqueceu

de trazer alguma coisa, ela pede à empregada para buscar. Isso foi constatado pela conversa e observação da atividade. Pode-se constatar que há uma desorganização do trabalho, por parte da usuária, que dificulta sua execução; há também a utilização de posturas inadequadas na realização do trabalho, que é agravada pela inadequação das medidas antropométricas às características dos usuários do posto de trabalho.

Análise da Tarefa

Optou-se pela análise e observação da cozinha relativas à parte de cocção. A usuária é casada, tem 66 anos e três filhos, sendo dois casados e uma que mora em casa (estudante de mestrado).

A cozinha em estudo apresenta 10,30 m², inserida numa casa de 160 m², foi proje-

tada com bancadas em forma de “u” e possui os seguintes equipamentos:

- refrigerador dúplex Brastemp;
- 1 fogão automático de quatro bocas Brastemp;
- 1 depurador Bosch/com iluminação;
- 1 lava-louças Brastemp;
- 1 filtro – Plastic – água mineral Ingá.

O teto é de cor branca e o piso de cerâmica, mesclado (marrom com branco), fosco. As paredes são revestidas até o teto por azulejos. A iluminação artificial dá-se por uma luminária central contendo uma lâmpada incandescente, que não é utilizada durante o dia, pois a iluminação natural é muito boa (ver Figura 1). Os utensílios, como panelas, talheres, louças, equipamentos novos que são usados no dia-a-dia, são guardados nos armários da cozinha utilizada.



Figura 1 – Características da cozinha quanto à iluminação natural (Fonte: Dados da Pesquisa)



Figura 2 – Distribuição do setor de higienização - Pia (Fonte: Dados da Pesquisa)

Na parede central localiza-se a janela do tipo pivotante, de metal e vidros transparentes simples, com cortinas de fibra sintética bege. Os armários inferiores, com abertura frontal inferior, possuem tampo e granito mesclado (marrom-preto). Os armários estão entre uma lava-louças e um local para colocar panos de prato, e ao lado a pia de inox e a torneira (ver Figura 2).

Os armários em MDF da Marca “X” são brancos, com puxadores prateados, e são padronizados. Tanto os armários superiores quanto os inferiores são fechados por portas de compensado MDF, com exceção do que se encontra sobre a bancada de suporte, que tem portas com vidro transparente; o acabamento lateral é feito por cantoneiras (superior e inferior) arredondadas. Temos ainda, nessa parede lateral, suporte para papel-toalha, papel-alumínio e plástico para fechar alimentos. A cozinha possui também uma porta de madeira em verniz, que dá acesso à escada que vai para a área de serviço, e outra porta vai para a sala de jantar (ver Figura 3).

A despensa é na cozinha que existe na parte superior da casa; e os mantimentos usados com pouca frequência são guardados nos armários desta, em uma distribuição funcional. Os frios são armazenados no freezer. No refrigerador são guardados laticínios, enlatados, gorduras, sobremesas, lanches etc.



Figura 3 – Características físicas dos armários da cozinha analisada (Fonte: Dados da Pesquisa)



Figura 4 – Características do setor de cocção (Fonte: Dados da Pesquisa). Na parede lateral localiza-se, embutido na bancada, o fogão de quatro bocas automático, um depurador sobre o fogão e, ao lado deste, uma porta do armário com canto giratório.

Dados referentes às entradas

Alimentos utilizados no preparo da refeição (dia observado):

frutas: banana, amendoim	cereais: arroz, feijão	carne de boi
verdura: alface	ovos	farinha de trigo
condimentos: orégano, pimenta, etc.	queijos em fatia e ralado	farinha de rosca
gordura: maionese	leite	
legume: moranga	cebola	

Dados referentes às saídas

Cardápio elaborado (dia observado):

- arroz;
- feijão;
- suflê de moranga;
- salada de banana com amendoim;
- bife à parmegiana;
- sobremesa: torta de chocolate com chantili.

Tarefa prescrita

- Tirar a mesa do café-da-manhã;
- preparar o almoço para ser servido aproximadamente às 12h;
- o cardápio do dia é sempre definido no dia anterior;

- o que necessitar para o cardápio elaborado a usuária busca antecipadamente;
- verificar a despensa (controle de estoques de mantimentos);
- higienizar e arrumar utensílios na cozinha, antes e depois da cocção (empregada);
- organizar as compras na despensa e no refrigerador;
- reaproveitar as sobras de pratos elaborados;
- higienizar chão, bancadas e equipamentos (empregada);
- trocar gás (marido);
- preparar e retirar utensílios da mesa para as refeições;
- fazer manutenção dos equipamentos (empregada).

Tarefa realizada

A usuária realiza quase todas as tarefas prescritas, tendo a ajuda da empregada em algumas, mas durante o processo de cocção a empregada não fica na cozinha, tendo outras tarefas a realizar.

Avaliação das Exigências do Trabalho

Exigências físicas

Por meio da observação foi constatado que a maior parte das atividades desempenhadas pela usuária é feita em pé, tendo como base a manutenção da postura, a alternância do peso corporal sobre os pés, técnica esta que auxilia na distribuição da fadiga final (HUDSON, 1978).

No nível fisiológico, Hudson (1978) afirma que essa posição (de pé) tem maior dispêndio de energia e maior sobrecarga para as diversas estruturas envolvidas em mantê-la.

Exigências da função

A função “cozinheira” exige, essencialmente, a postura ereta, com manutenção prolongada de esforços estáticos de membros inferiores e atividade dinâmica de membros superiores. Há uma exigência relativa de precisão ao picar os alimentos.

A frequência de transportar numa cozinha normalmente é baixa, mas a usuária em estudo tem essa frequência um pouco maior, decorrente da despensa ser na parte superior da casa; a frequência de tracionar ou empurrar, numa cozinha residencial, é baixa.

Análise física

A tabela abaixo apresenta as operações e as atividades musculares decorrentes destas:

Atividades musculares observadas no posto de trabalho

Operação	ATIVIDADES	
	Estáticas	Dinâmicas
1 – lavar legumes e verduras	Em pé, dorso curvado	
2 – picar legumes e verduras	Em pé, dorso curvado	
3 – cocção dos alimentos	Em pé, pernas relaxadas, tronco ereto	Movimento dos braços e dorso curvado
4 – lavar os utensílios da cozinha	Em pé, dorso curvado	Movimento dos braços, dorso curvado, torção do tronco e tronco muito curvado para usar a lava-louças
5 – arrumação da mesa de refeição	Em pé, dorso curvado	Movimento dos braços, dorso curvado, torção do tronco
6 – transporte dos alimentos da cozinha para a sala de jantar	Dorso, pernas e braços	Movimento dos braços e das pernas
7 – preparação da lista de compras	Sentada, braços	Tronco ereto, dorso curvado à frente, movimento da mão
8 – organização das compras na despensa e na geladeira	Em pé, tensionada; pernas fletidas, braços, hipertensão do dorso,	Movimento vigoroso dos braços, flexão e alongamento das pernas, tronco curvado
9 – buscar os alimentos na despensa	Dorso, pernas e braços	Movimento dos braços, das pernas

Partindo de dados relativos à fadiga, obtidos por intermédio da entrevista com a usuária, não há eventos de estresse muscular, a não ser quando esta vai preparar uma sobremesa ou uma comida especial que lhe exige um tempo maior.

Ao início da observação das atividades de cocção foi possível perceber que, inicialmente, as posições posturais estavam corretas (ver Figura 5). Mas, com o passar da observação, a usuária substituiu-as por posições incorretas (ver Figuras 6 e 7), como podemos observar na seqüência das fotos.

Postura Correta



Figura 5 – Postura correta adotada pela usuária no momento de preparar e na cocção dos alimentos
(Fonte: Dados da Pesquisa)

Posturas Incorretas



Figuras 6 e 7 – Posturas incorretas adotadas pela usuária, decorrentes da medida antropométrica da máquina lava-louças, que está em uma altura inadequada; a altura do porta-papel também está inadequada; a altura do armário superior poderia ser um pouco menor. Isso exige que a usuária curve ou torça a coluna e fique na ponta dos pés. (Fonte: Dados da Pesquisa)

Em razão de os equipamentos e utensílios estarem em alturas inadequadas para pessoas da terceira idade, essas posições incorretas, adotadas com frequência, causam sobrecarga na coluna vertebral, podendo levar a lesões musculares.

A disposição e a altura da bancada de serviço e dos equipamentos (0,85 m); aliadas à estatura da usuária (1,54 m), são fatores que amenizam as posturas incorretas adotadas por ela. Mas a falta de otimização do tempo, na execução das atividades, faz com que haja uma frequência desnecessária de deslocamento e consumo de tempo e energia.

Exigências ambientais

Estudos mostram que cozinhas, assim como banheiros, concentram os maiores números de acidentes domésticos, ameaçando o bem-estar das pessoas. É bom levar em conta que boas condições no ambiente de trabalho possibilitam melhor utilização, com segurança e autonomia em espaço, de mobiliário e equipamentos. Conjugando diversos aspectos: tamanho e altura adequados de equipamentos como pias, mesas, bancadas, cadeiras, divisão racional do espaço, iluminação, ventilação, organização, ruído e tecnologia. Tudo isso resulta em conforto ou desconforto, segurança ou maiores riscos.

De acordo com Serrano (1992), existem algumas condições favoráveis e indispensáveis ao trabalho e à saúde, em uma cozinha, que são:

- boa ventilação, a fim de reduzir o calor, principalmente se o fogão estiver acesso;

- a posição da fonte de luz em relação ao plano de trabalho deve ser levada em conta para evitar sombras; o ideal são lâmpadas fluorescentes;
- abaixar-se de cócoras exige, no mínimo, 1,12 m de espaço livre;
- nunca encerrar a cozinha, para evitar escorregões; se o piso for vitrificado, adotar tapetes de borracha perto da pia, para evitar acidentes;
- sentar-se à mesa para lanchar será relaxante se houver pelo menos 87,5 cm disponíveis para instalar as pernas e a cadeira, caso contrário a pessoa terá a sensação de estar meio “prensada”;
- reservar, no mínimo, 1 m de distância entre os armários e a mesa, para circular com agilidade;
- preferir os móveis de cantos arredondados, para evitar machucados por quinas;
- nas bancadas e nos balcões utilizar granito ou aço inox, pois estes têm a vantagem de ser mais resistentes;
- quanto à mesa de refeições, a melhor altura está no ângulo reto formado pelo braço e pelo antebraço, sem erguer ou baixar os ombros;
- nas prateleiras e nos armários, para pegar objetos que estejam a mais de 10 cm acima da cabeça, usar uma banquetela;
- armários devem ter luz interna e portas leves com maçanetas grandes;
- para saber a altura adequada da pia de cozinha, ficar em pé e formar um ângulo reto com o braço e o antebraço

dobrado; medir a distância do cotovelo ao solo e diminuir 10 cm, pois todos os movimentos serão feitos com a inclinação dos braços;

- a cuba da pia não pode ser profunda, para não forçar as costas; esta deve ter no mínimo 43 x 43 x 22 cm;
- as portas devem ter altura mínima de 2,10 m e largura de 0,80 a 0,90 m, possibilitando a passagem de peças que não podem ser desmontadas (exemplo: refrigerador);
- quanto às janelas para ambientes de permanência transitória, estas devem ocupar 1/10 da área; para ambientes de permanência prolongada, 1/7 da área;
- o pé-direito para ambientes de permanência prolongada não deve ser menor que 2,50 m e para permanência transitória entre 2,30 e 2,50 m;
- a cozinha em forma de “U” propicia uma triangulação de trabalho que, segundo profissionais da área, é o melhor espaço para se trabalhar;
- a altura ideal para as cadeiras será aquela que permitir um ângulo entre as pernas e a coxa.

Análise ambiental

De acordo com as recomendações referidas, analisou-se o ambiente estudado, para avaliar seu conforto físico, térmico, lumínico e acústico. O ambiente estudado foi considerado um bom local de trabalho para a usuária.

Ambiente físico

Em relação ao ambiente físico, constatou-se que:

- o revestimento cerâmico do piso e das paredes é apropriado para esse ambiente, onde a higiene é fundamental, uma vez que são laváveis, resistem bem aos mais diversos agentes e conseguem, durante anos, manter suas características como brilho, forma, cor, além de suas propriedades impermeabilizantes e funcionais;
- para a realização de movimentos posturais (abaixar-se de cócoras, por exemplo), o ambiente não oferece problemas, já que o espaço físico existente é adequado;
- as distâncias entre equipamentos e mobiliários são adequadas, permitindo uma boa circulação;
- os móveis são de cantos arredondados, o que evita os machucados provocados por quinas;
- as bancadas são em granito, sendo adequadas ao uso;
- os armários superiores são poucos utilizados, principalmente as últimas prateleiras, já que não há, no posto de trabalho, uma banquetta ou escada que permita este acesso; e também, por ser uma pessoa idosa, não é recomendável que fique subindo em escadas e banquetas;
- os armários inferiores são providos de abertura frontal inferior para os pés, permitindo assim uma boa postura

física para a usuária, uma vez que isso possibilita maior aproximação do corpo em relação à bancada;

- a altura da pia, assim como a das bancadas, é de 0,93 m, estando esta adequada à altura da usuária, permitindo os movimentos feitos com a inclinação ideal para os braços;
- as portas possuem as dimensões recomendadas. Vale ressaltar que a circulação pelas portas de acesso à área de serviço e copa se dá independentemente da área de trabalho e circulação da usuária, não havendo circulação cruzada na cozinha;
- quanto à janela existente, esta possui 1,68 m² e para este ambiente de permanência prolongada esta não poderia ser inferior a 2,56 m² (1/7 da área da cozinha);
- a disposição das bancadas e dos equipamentos é em forma de “U”, propiciando uma triangulação de trabalho. Essa triangulação permite mais economia de energia nos deslocamentos entre a pia, o fogão e o refrigerador. Ela possibilita também ampla distribuição de armários e ótima iluminação e ventilação, tornando a cozinha mais eficiente.

Além desta análise, observou-se também que:

- as cores claras da cozinha ampliam visualmente o espaço, contribuindo para a iluminação natural do ambiente;
- os armários, em material que facilita a limpeza, possuem gavetas e armado

deslizantes ao lado do fogão, canto giratório, facilitando seu uso;

- a fiação elétrica é embutida;
- as tomadas, distribuídas planejadamente, fazem com que todos os equipamentos sejam instalados adequadamente;
- o fogão, com acendimento automático, facilita o trabalho e atende às necessidades da família;
- o depurador instalado sobre o fogão contribui para evitar o acúmulo de gordura e fumaça no ambiente, entretanto a usuária só o utiliza quando vai refogar algum alimento ou quando irá fazer alguma fritura, pois o barulho a incomoda;
- a despensa está situada em um local afastado da cozinha, dificultando assim o acesso a ela;
- falta na cozinha um relógio para cronometrar o tempo de cocção dos alimentos.

Ambiente lumínico

A cozinha residencial em estudo apresenta uma iluminação predominantemente natural; uma vez que essa iluminação é muito boa, dispensa-se durante o dia o uso de iluminação artificial. A janela localiza-se no centro da parede central. A iluminação artificial dá-se por uma luminária contendo uma lâmpada incandescente, em razão da exigência de uso desta ser baixa; além desse ponto de luz, existe mais um que vem embutido no depurador, o qual também é pouco utilizado.

Ambiente acústico

As fontes de ruído que incidem podem ser classificadas como interiores:

- conversas internas;
- abrir e fechar de portas de armários;
- circulação interna (pouca);
- atividades internas;
- ruído dos equipamentos.

Ambiente térmico

O posto de trabalho em estudo, cozinha residencial, apresenta uma temperatura agradável em todas as estações do ano: por estar localizada a leste, o sol bate na parte da manhã. A cortina existente serve mais para decorar o ambiente.

Exigências sensoriais e mentais

O que se observa na realização do trabalho doméstico é que a todo instante se trabalha com a variável tempo como delineador da maneira como será executado um determinado trabalho. Em se tratando do trabalho doméstico, a usuária conta com a atividade cognitiva como instrumento que a auxiliará a detectar a informação, discriminá-la e tratá-la, tomar uma decisão e agir sobre os controles e comandos (RASMUSSEN, apud SANTOS, 1993); citado por Goulart, 1995.

Quanto à atividade de cocção desenvolvida pela usuária analisada, pode-se perceber que, ao executá-la, agia utilizando um conjunto de ações e de atitudes que não seguiram uma ordem preestabelecida. Portanto a usuária

avaliada usa do conhecimento acumulado para reduzir incertezas do seu trabalho; a partir de Piaget, podemos confirmar esta observação quando se coloca que o homem aprende por tentativas e erros, e que conseqüentemente os acertos constroem um banco de dados que podem ser acessados, quando nos depararmos com situações semelhantes, para agirmos de forma menos arriscada.

Análise da Atividade

Descrição das atividades (preparo do almoço)

O preparo do almoço faz-se importante no momento em que conseguimos listar, a partir da descrição, as variáveis que envolvem esta tarefa, bem como o tempo destinado a estas, visando a subsidiar a análise de simplificação da referida tarefa.

Início das atividades: 10h

- No fogão já se encontrava o legume sendo cozido;
- tirou a mesa do café, e colocou as louças para lavar (lava-louças);
- retirou uma bandeja do armário e colocou o óleo e o saleiro, deixando-a sobre a bancada ao lado do fogão;
- foi à geladeira, pegou queijo para ralar e depois guardou o queijo que não foi usado na geladeira;
- retirou os talheres a serem usados;
- lavou o arroz;
- voltou à geladeira, guardou o queijo ralado e pegou o feijão e a carne a ser preparada;

- abriu novamente a porta com aramado, ao lado do fogão, e pegou outros condimentos para temperar a carne;
- pegou a panela, na parte inferior do armário;
- ligou o depurador;
- refogou o arroz;
- desligou o depurador;
- desligou o fogo e escorreu o legume;
- voltou ao armário para pegar a farinha de trigo e deixou-a sobre a bancada;
- voltou à geladeira e pegou o ovo para empanar os bifes;
- voltou à geladeira para pegar o leite, para fazer o suflê de moranga;
- abriu o armário, porta inferior, para pegar a panela;
- refogou o feijão;
- voltou novamente à geladeira, para retirar uma sobra de feijão que foi adicionada ao feijão novo;
- amassou a moranga;
- fez o suflê;
- ligou o depurador;
- fritou os bifes;
- desligou o depurador;
- voltou à geladeira para guardar o que precisava e tirou o alface, que já estava lavado; lembrou que não tinha pegado o queijo para o bife e abriu a geladeira novamente e o pegou;
- abriu o armário e retirou o liquidificador;
- teve de sair para olhar as horas no quarto;
- preparou a mesa para o almoço.

Término das atividades: 12h

Como pode ser observado, a usuária organiza algumas coisas para facilitar a execução das tarefas na hora da cocção, deixando o que “precisa” em cima da bancada. Mas ela deixa para pegar os restantes depois, como por exemplo panelas e alimentos, que devem ser conservados sob refrigeração (queijo, feijão, etc.). Na hora do preparo da refeição, faz a mesma tarefa repetidas vezes, como ir à geladeira, ir ao armário retirar utensílios, equipamentos e condimentos. Observou-se que ela abriu e fechou a porta do armário com aramado, onde guarda condimentos, dez vezes, e poderia ter evitado este dispêndio de tempo e energia se tivesse retirado tudo juntamente com o tempero e o óleo no início da cocção, evitando também ter se abaixado tanto. Ela também não gosta do barulho da batedeira e do depurador, pois estes a incomodam.

Detectamos em seu depoimento:

- durante a cocção ela vai mantendo a cozinha limpa e organizada;
- o local para o pano de prato só é usado para aquele que está precisando;
- usa a parte inferior do armário, ao lado da geladeira, para guardar as panelas;
- faz parte de um grupo para a terceira idade na Vila Gianetti, que ajuda na orientação nutricional e na preparação de alguns alimentos;
- a empregada realiza tarefas na cozinha, como: manutenção de equipamentos (exemplo: descongelamento da geladeira), limpeza do chão, das bancadas e dos equipamentos e faxina em geral.

Diagnóstico

O estudo realizado possibilitou diagnosticar problemas que se relacionam aos aspectos ambientais, sociais, organizacionais e técnicos, como previsto nas hipóteses formuladas inicialmente.

Quanto aos aspectos ambientais

- a) Inexistência de tapetes de borracha na cozinha junto à pia (ver Figura 8);
- b) inexistência de banquetas ou escadinha para acesso às partes mais altas dos armários;
- c) falta de canto giratório em um lado do armário.



Figura 8 – Aspectos negativos do ambiente de trabalho em relação ao apoio de uma escadinha e à falta de tapete (Fonte: Dados da Pesquisa)

Quanto aos aspectos sociais

- a) A usuária está satisfeita em relação às suas tarefas;

- b) a usuária tem um bom relacionamento com a empregada.

Quanto aos aspectos organizacionais

- a) Falta otimização quanto à seqüência e ao tempo de realização das atividades por parte da usuária.

Quanto aos aspectos técnicos

- a) Utilização adequada, por parte da usuária, dos utensílios (como o uso de talheres de madeira em panelas de inox);
- b) utiliza o tempo correto na cocção dos alimentos, aproveitando assim o valor nutritivo destes;
- c) utilização incorreta da postura (ver Figura 9).



Figura 9 – A armazenagem feita nas prateleiras baixas da geladeira faz com que a usuária adote uma postura incorreta (Fonte: Dados da Pesquisa)

Recomendações

Aspectos ambientais

- a) Colocação de tapetes de borracha junto à pia;
- b) aquisição de uma escadinha apropriada para uso doméstico;
- c) colocar canto giratório no armário do lado, onde está faltando.

Aspectos sociais e organizacionais

- a) Recomenda-se que a usuária continue sempre com um bom relacionamento

com a empregada, melhorando ainda mais a eficiência do trabalho;

- b) e que a usuária busque novas maneiras de se organizar, como: deixar tudo o que vai ser preciso usar sobre a bancada, reduzindo assim o cansaço e o estresse.

Aspectos técnicos

- a) Os aspectos técnico-fisiológicos detectados podem ser facilmente resolvidos havendo uma maior supervisão das atividades executadas pela própria usuária.

Referências Bibliográficas

ABEL NETO. *Como obter uma casa segura*. 2000.

CUSA, Juan de. *Proyectos e instalación de cocinas*. Barcelona: CEAC, 1982.

DUL, J.; WEERDMEESTER, B. *Ergonomia prática*. Edgar Blucher Ltda., 1995.

GOULART, Chrystianne; LIMA, Deise D. G. de; COELHO, Rosângela S.; MAFRA, Simone C. T. *Posto de trabalho: cozinha residencial*. Agosto, 1995.

GRÜNEWALD, Virgínia. *Considerações sobre ergonomia e terceira idade*. 1997. Dissertação. (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Florianópolis, Santa Catarina.

HUDSON, Araújo Couto. *Ergonomia aplicada ao trabalho: o manual técnico da máquina humana*. Belo Horizonte: Ergo Editora, 1995. v.1

FIALHO, Francisco; SANTOS, NERI. *Manual de análise ergonômica do trabalho*. Gênese, 1995.

MORO, A. R. P. *Distribuição do peso corporal do sujeito na posição sentada: um estudo de três situações experimentais simuladas por um mototipo*. 1994. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria-RS.

SERRANO, R. *Revista Saúde*, ano 9, n. 6, p. 36 a 41, 1992.

Atividades de Lazer dos Idosos na Cidade: um Estudo de Caso na Cidade de Rio Claro-SP¹



ROSANE BALSAN

*Unesp/Rio Claro-SP.
Doutora em Geografia.
Professora substituta na
Furg/Rio Grande-RS
rosanegaucha@
hotmail.com*

¹ Este artigo está baseado na tese de doutorado intitulada: “Espaços de turismo e lazer dos idosos em Rio Claro-SP”, defendida no dia 29 de novembro de 2005, no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Rio Claro-SP, sob orientação das professoras Dras. Lucia Helena de Oliveira Gerardi e Odaléia Telles Marcondes Machado Queiroz.

Resumo

O envelhecimento populacional constitui uma das maiores conquistas do presente século. Poder chegar a uma idade avançada já não é mais privilégio de poucas pessoas. Herdar uma longevidade ativa é resultante tanto do fundo biológico da pessoa em questão quanto do modo de vida, de trabalho, de alimentação, de lazer. Na primeira parte do texto, apresenta-se uma breve discussão sobre a cidade e as atividades de lazer. Em seguida, explica-se o estudo de caso na cidade de Rio Claro-SP.

Palavras chave: cidade, idosos, lazer, Rio Claro-SP.

Abstract

The greater longevity of the population represents one of the biggest achievements of the present century. Being able to reach an older age is no longer the privilege of a few. Inheriting a long and active life depends upon personal biological characteristics as well as one's style of living, working, eating and enjoying free time. In the first part of the text, we briefly describe the city and the leisure activities, followed by an explanation of a case study in the city of Rio Claro-SP.

Keywords: City, elderly people, leisure, Rio Claro-SP.

A cidade e o lazer

A cidade, como palco das atividades de lazer, transforma-se com a valorização do espaço e do tempo funcionais para o lazer, mudando a concepção de cidade de centro cultural específico e herança histórica para centro cultural dinâmico (PINTO, 2002). Em relação às mudanças do campo econômico que interferem nos estilos de vida e de lazer, o mesmo autor (2002, p. 14) enfatiza:

[...] a cidade deixa de ser espaço racional e é reestilizada, continuamente como um “não-lugar”, isto é, como espaço de rápida circulação, interligado por diferentes meios de transporte, grandes cadeias de entretenimento e pessoas de diferentes camadas da população convivendo com modos diferentes de vida.

Neste contexto, o espaço urbano como espaço de lazer tem um papel que:

[...] varia de acordo com a forma como tratamos o lazer. Se o vemos como privilégio de consumo real, o espaço urbano é simplesmente local de acesso; se o vemos na vida da cidade estreitando relações, com funções sociais e pessoais, o espaço é componente primordial na qualidade de vida. (BONALUME, 2002, p. 198)

Rolnik (2000) refere-se ao espaço da cidade como um espaço do fluxo e das necessidades diferenciadas de habitar, de circular, de divertir-se e de trabalhar, constituindo o cenário e a paisagem da convivência dos habitantes desse lugar. Dessa forma, a cidade representa uma proposta aberta de práticas sociais, genuínas de expressão cultural de gerações que se sucederam através dos tempos. O autor explica que:

O espaço público, onde as pessoas transitam e se locomovem, é também o âmbito de interação social que se expressa nas praças, nos

lugares de encontro e troca, nas áreas verdes – lugares de uso e desfrute do natural – e nos espaços de testemunho, os lugares de identidade e de patrimônio, raramente explorados (ROLNIK, 2000, p. 189).

Müller (2002, p. 25) complementa:

O espaço de lazer tem uma importância social, por ser um espaço de encontro e convívio. Através desse convívio pode acontecer a tomada de consciência, o despertar da pessoa para descobrir que os espaços urbanos equipados e conservados para o lazer são indispensáveis para uma vida melhor para todos e que se constituem em um direito dos brasileiros.

O estudo envolvendo a questão do lazer nas áreas urbanas requer uma abordagem que enfoque os aspectos de tempo e de espaço, uma vez que interferem na atitude dos sujeitos habitantes das cidades, sendo imprescindíveis para a compreensão da dimensão que o lazer assume na sociedade contemporânea.

Ainda de acordo com as considerações sobre o lazer, ele se dá por iniciativas individuais ou, de acordo com Bramante (1997, apud MÜLLER, 2002, p. 12), a partir de ações de quatro setores: público, semipúblico, privado, semiprivado.

Quanto ao setor público, compreende entidades ligadas aos governos e que se caracterizam pela realização de eventos gratuitos (ou de valor simbólico), abertos a todos e sem fins lucrativos. Com referência ao setor semipúblico, abrange entidades de direito privado que, no entanto, assemelham-se, no entendimento do Poder Público. É o caso do Sesc e do Sesi. Com relação ao setor semiprivado, abrange

entidades sem fins lucrativos, com estatutos dirigidos ao atendimento de associados: são os clubes sociais, recreativos, esportivos. Quanto ao setor privado compreende empreendimento no campo do lazer, com objetivos de lucro financeiro, representado por academias, cinemas, teatros, indústria cultural etc.

Ao nos referirmos a lazer e espaço público, logo vem à imagem a dimensão coletiva, com o ser humano como parte de um todo. Entretanto, com a urbanização acelerada e a exclusão econômica, a tendência é ver as áreas públicas coletivas como mais uma mercadoria, um bem econômico a ser usufruído por poucos¹.

Barreto (2002) explica que os usuários têm uma relação dicotômica com o espaço público, ou seja, ou o indivíduo se apropria do espaço público ou faz uso equivocado desse espaço. A preservação, que equivale à não-destruição, portanto à não-transgressão, só pode ser observável na medida do interesse e autocontrole de pequenos grupos, como bairros, aldeias ou cidades pequenas (BARRETO, 2002, p. 52).

Müller (2002) chama a atenção, afirmando que é preciso, além do Poder Público, que a comunidade assuma sua parcela de responsabilidade na gestão dos espaços de lazer, como aponta Barreto (2002, p. 52). Assim, na administração do espaço urbano, à medida que a população busca novas experiências de lazer, o grande impasse estará em estabelecer o equilíbrio inteligente entre o seu uso e a sua preservação (BRAMANTE, 2001). Para esse autor, “não bastam belas instalações se, ante as dificuldades de escolha e adesão

² “O termo público tem variados significados. De um lado, está associado ao conceito de estatal, gerido pelo Estado (Governo), nacional, estadual ou municipal. Também está associado ao uso público, das pessoas em geral, portanto do uso coletivo.” (BARRETO, 2002, p. 38)

espontânea, não se estruture uma programação que atraia os interesses de possíveis usuários” (BRAMANTE, 2001, p. 168). Nas palavras de Camargo (1986, p. 69):

[...] todo equipamento de lazer, bem planejado, prevê investimentos não apenas de construção como de manutenção e animação. [...] esses espaços são criações artificiais de uma política cultural, que precisa ser traduzida concretamente numa programação que atenda as necessidades da população e, assim, seja por ela sentida.

As ofertas de lazer por parte dos órgãos públicos devem trabalhar na perspectiva da educação para e pelo lazer, contemplando a todos; devem ser ricas, equilibradas e diversificadas em conteúdos culturais (STAFIM)³, nos gêneros (prática, fruição e conhecimento) e nos níveis (de conformista para crítico e criativo) (MÜLLER, 2002). Bramante (2001, p. 171) complementa: “[...] principalmente na recreação pública, cada vez mais o sucesso dos serviços estará diretamente ligado ao nível de participação da comunidade beneficiada por estes, tanto na fase de planejamento como na execução e na avaliação”.

Cada vez mais é comum observarmos a substituição do bairro pelo condomínio fechado, dos espaços públicos de lazer pelos clubes e centros de entretenimento, das ruas pelos *shopping centers*⁴, em busca de espaços em que se supõe que haja maior segurança.

Corrêa (2002, p. 13) enfatiza:

A idéia original de espaço público como um lugar onde todos têm acesso vem se perdendo para a construção ideológica de “público privado”, ou seja, lugar onde todos que têm um dado poder aquisitivo, vestimentas, linguagem, entre outros aspectos, podem freqüentar.

Assim, os *shopping centers* têm sido vistos como um retorno ao espaço protegido das cidades pequenas, onde tudo era familiar e pleno de certezas. A este respeito, Barreto (2002, p. 52) reflete que:

[...] os *shopping centers* oficiam como pequenas cidades medievais, onde há comércio e serviços essenciais (correios, telefones, pronto-socorro), onde os pais deixam as crianças sem temor à violência urbana (incluído o trânsito), onde os jovens vão porque sabem que, mesmo sem marcar, encontrarão conhecidos, como fazem seus pares nas praças das pequenas cidades do interior.

Em contrapartida, os *shopping centers* são espaços integrantes do setor privado que assumem, segundo Corrêa (2002, p. 13), a característica de público, em função de sua visibilidade; no entanto, nem todos têm acesso para além da fachada, tornando-se um “espaço público virtual”, que visa ao consumo em detrimento do lazer.

Pinto (2002, p. 15) conclui que:

[...] os *shoppings* e as grandes galerias, como signos da vida contemporânea, são lugares

³“Pode ser associada a uma gíria, no mínimo regional, através da qual uma pessoa convida a outra para fazer uma tarefa qualquer: ‘Tu está a fim de ...?’ ou ‘STÁ a FIM?’. Tem sido um recurso acadêmico para fixar os termos e entender a abrangência do lazer.” (MÜLLER, 2002, p. 11)

⁴A expansão dos *shopping centers* no Brasil dissemina-se no início da década de 1980, conhecida como “década perdida”, com um modelo econômico concentrador de capital que, excluindo a maior parcela da população brasileira não detentora da riqueza, volta-se para os estratos de renda mais elevados, oferecendo-lhes cada vez mais opções de compra e lazer (COSTA, 2003). Além disso, “[...] os *shopping centers* estão incorporando cada vez mais espaços dedicados ao entretenimento daqueles que os visitam; a onda de conscientização e preservação ecológica já vem sendo explorada comercialmente pelos chamados acampamentos rústicos e a nova ‘indústria’ do ecoturismo, etc” (Bramante, 2001, p. 175).

que não só ampliam as possibilidades de compra e venda, como também de escolha, de otimização do tempo e do próprio espaço para a vivência de diferentes conteúdos culturais no lazer.

Sendo assim, uma sociedade moderna deve se preocupar com os espaços de lazer para a população idosa, e, para isso, é importante que proporcione facilidade de acesso e disseminação da prática de uso nesses espaços, estimulando eventos, passeios, atividades artísticas e culturais e roteiros destinados aos idosos⁵. Porém, como constata Andrade (2001, p. 97),

[...] no Brasil e em outros países em estado de economia e de problemas sociopolíticos assemelhados, pouco se planeja para viabilizar o exercício cotidiano e freqüente do lazer, colocando-o ao alcance especialmente nas faixas juvenil e da terceira idade.

Os espaços de convívio deveriam constar no Plano Diretor dos municípios e ser planejados conforme suas funções: a estético-paisagística, social ou de lazer, impondo-lhes características próprias, como o tamanho da área que deverão ocupar, as espécies vegetais que devem ser empregadas, as condições locais de topografia de solos, de clima, a disposição e existência de equipamentos urbanos (bancos, lixeiras, luminárias e outros), do tipo de piso mais adequado, os equipamentos a serem utilizados e respectiva distribuição.

Para os idosos, a freqüência a lugares públicos induz à participação em novas atividades suscitando, assim, o sentimento de pertencer a um espaço e a um grupo caracterizado pela vontade de envelhecer ativamente, criando um novo emprego do tempo livre” (PEIXOTO, 1997, p. 45).

Camargo (1986, p. 58) também afirma: “A instituição da aposentadoria, aliada ao aumento da esperança de vida, criou um novo segmento etário de indivíduos, os aposentados, sem a premência do trabalho profissional e, conseqüentemente, dispondo de maior tempo livre”. França (1999, p. 22), no entanto, questiona: “Uma vez que o lazer normalmente é um contraponto ao trabalho, mas ao mesmo tempo uma prática às vezes rara e inatingível para alguns, como as pessoas irão de um dia para outro substituir a vida de obrigações por uma vida de lazer?”.

Ainda França (1999, p. 23) afirma:

O planejamento de vida que preveja a distribuição do tempo e mudanças necessárias relativas à afetividade, à vida familiar, ao lazer, à participação sociocomunitária e um trabalho remunerado ou voluntário permite enfrentar objetivamente as condições frustrantes a que muitos aposentados se vêem expostos.

O envelhecimento populacional provoca a transformação da velhice em um problema social complexo, acompanhado pela busca de mudança nos discursos e nas práticas inclusive no que respeita ao lazer. A utilização das áreas de lazer institucionais pelos idosos permite mostrar “múltiplos olhares”, para abordar o lazer e o turismo em torno do reconhecimento que os define como direitos fundamentais proclamados na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Os espaços de lazer, na medida em que ganham identidade, são possuidores de uma marca e de uma história, e trazem consigo um sentimento de pertencimento.

⁵ Alguns municípios como Ribeirão Preto e Monte Alto, no Estado de São Paulo, têm legislação específica quanto aos espaços de lazer para idosos. Mais informações disponíveis em: < http://www.pbh.gov.br/leisdeidosos/são_paulo/ribeirão_preto/ribeirãopreto-leis.htm > e < <http://www.caramontealto.sp.gov.br/informativo/ata-02.htm> >. Acesso em: 3 abr. 2003.

A definição e a redefinição do espaço urbano vão se processando à custa das mais diferenciadas sensações humanas. A apropriação do prazer dá-se, então, em alguns lugares determinados, durante horários específicos e, assim, as pessoas vivenciam a sensação da superação, pelo menos em parte, de suas neuroses pessoais (PORTUGUEZ, 2001).

Ainda Portuguese (2001, p. 10) considera:

A sensação de pertencer expressa no prazer de ser aceito como tal em algum lugar também se faz notar de forma clara nos espaços de consumo: boates e bares gays, clubes e praias naturistas, hotéis para mulheres de negócio, centros de recreação de terceira idade e muitos outros lugares, onde a senha de entrada é a semelhança com os demais frequentadores e um certo sentimento de diferença em relação ao restante da coletividade.

A definição e a redefinição do espaço urbano dão-se, também, pela organização dos serviços oferecidos pelo Poder Público. Assim, Stella et al. (2003, p. 40) propõem que:

[...] as administrações municipais, através da articulação entre os órgãos de esporte e saúde, organizem serviços que ofereçam atividade física regular adequada à população idosa, além de apoiar a inclusão de exercícios físicos nas programações dos Grupos de Terceira Idade existentes em muitos locais. Além disso, o Poder Público deve criar condições para que a população pratique atividade física no seu cotidiano, através da adoção de medidas que garantam segurança e conforto para os deslocamentos (arborização e conservação das vias públicas, faixas de pedestre, eliminação de barreiras arquitetônicas, construção de ciclovias, etc.) além de oferecer infra-estrutura adequada e suporte técnico para as pessoas que já fazem caminhadas regularmente, como uma ação de promoção da saúde física e mental.

Silva (1998, p. 7) discorre sobre ações que devem ser efetivadas nos espaços de lazer e turismo visando à terceira idade dizendo:

São demandas relativas a práticas desportivas, programas culturais, remoções de barreiras arquitetônicas em hotéis, restaurantes, teatros, cinemas e *shopping centers*, ou ações que possibilitem o direito de ir e vir, principalmente se transportando de um destino ao outro, como turista, sem restrições e sem temer a relação entre velhice e busca de prazer. O idoso tem pressa, sua perspectiva temporal é curta, por isso a ação necessita urgência.

As ações públicas e privadas em prol dos idosos levam em conta a tomada de consciência desses indivíduos quanto às suas necessidades e direitos e se aproveitam do seu associativismo em Grupos de Idosos de Terceira Idade que “são basicamente grupos de lazer, onde novas modalidades de atividades físicas, manuais, artísticas e intelectuais são vividas”, conforme Camargo (1986, p. 60). “Assim, cada vez mais surgem empresas que procuram atender a faixa etária dos idosos e muitas vezes com ênfase aos Grupos de Melhor Idade, identificados como um significativo mercado para o lazer, férias e cuidados com a saúde” (TREIBE, 2003, p. 219).

Apresentados os principais conceitos que embasam o presente trabalho e as reflexões que se estabelecem na sua discussão, no tópico seguinte será discutida a questão do lazer dos idosos e a cidade, com ênfase para a de Rio Claro, da qual se apresentam as atividades de lazer em diferentes espaços e a distribuição espacial na malha urbana da cidade.

Como podemos observar, muitas são as atividades de lazer desenvolvidas por idosos em grupo ou individualmente na cidade, assim apresentaremos as atividades de lazer dos idosos na cidade de Rio Claro-SP.

As atividades de lazer em diferentes espaços – Um estudo de caso em Rio Claro-SP

O presente artigo estudou as atividades de lazer dos grupos de idosos organizados no município de Rio Claro/SP, visando a colaborar com os debates sobre esse tema, com a elaboração de propostas de políticas públicas de lazer. O parâmetro para a aquisição de dados no campo baseou-se nas entrevistas realizadas sob dois enfoques principais: os Grupos de Idosos, representados por seus 36 coordenadores, e os idosos participantes desses grupos, representados por 159 sujeitos de ambos os sexos, com 60

anos ou mais, selecionados aleatoriamente em 34 grupos ativos em 2004. Os dados coletados e expostos neste artigo revelam as atividades de lazer dos idosos na cidade de Rio Claro-SP.

Como as atividades de lazer são muito variadas, adotou-se a classificação do sociólogo francês Jofre Dumazedier (1973, 1975, 1980), complementada por Camargo (1986) e Schwartz (2003). O primeiro autor classifica as atividades de lazer em: físicas, manuais, intelectuais, artísticas e sociais, o segundo autor complementa com as turísticas, e a terceira autora, com as atividades relacionadas aos interesses virtuais (Quadro 1).

Quadro 1 – Classificação das atividades de lazer

Atividades de lazer de interesse físico	São as caminhadas, ginásticas, o esporte e atividades correlatas, ligadas a diversos estilos de vida.
Atividades de lazer de interesse manual	São as atividades ligadas ao prazer de manipular, explorar e transformar as naturezas. É a manipulação de objetos e produtos, e que com frequência é confundida com os hobbies em geral.
Atividades de lazer de interesse artístico	É a prática e a assistência de todas as formas de cultura erudita quanto da cultura popular conceituada como arte.
Atividades de lazer de interesse intelectual	São as atividades como fonte de conhecimento, de informação, de aprendizagem. A ênfase central e a busca de prazer estão diretamente ligadas às atividades de raciocínio.
Atividades de lazer de interesse social	São as atividades de lazer que exprimem o interesse cultural centrado no contato com as pessoas. O elemento motivador é exatamente a promoção pronunciada de tais encontros, como festas, encontros em bares ou restaurantes, programas noturnos e, notadamente, os passeios e as atividades turísticas em geral.
Atividades de lazer de interesse turístico	São as atividades que buscam a mudança de paisagem, ritmo e estilo de vida.
Atividades de lazer de interesse virtual	Além do uso da rede da internet de comunicação, outro elemento virtual que se tornou bastante evidenciado é o jogo virtual.
Atividades relacionadas aos meios de comunicação: televisão e rádio	São atividades com interesses multiculturais, significativos nos idosos. Destinam-se a passar o tempo, a divertir, a emocionar e a superar o tédio.
Outras	Não enquadradas nas anteriores

Fonte: Dumazedier (1975), Camargo (1986), Schwartz (2003), Melo; Alves Junior (2003), Lovisolo, (2004). Adaptada por Balsan, 2005.

As atividades relacionadas a assistir à televisão e ouvir rádio constituem uma classe à parte nesta pesquisa, em razão da falta de consenso entre os diversos autores quanto ao seu enquadramento nas outras categorias. De qualquer modo, devem ser consideradas uma forma de lazer, posição que é corroborada por Andrade (2001, p. 123), quando ensina que:

O rádio AM e FM tem sido o grande difusor da sonoridade e da musicalização que atingem a atmosfera e a estratosfera, com fins de serviço e a serviço do lazer como tal. Suas programações cultural e comercial se constituem no suporte da sobrevivência de Grupos de Idosos e de orquestras, de conjuntos e de bandas de diferentes portes e níveis de qualidade.

Quadro 2 – Atividades de lazer praticadas pelos idosos entrevistados em diversos espaços de acordo com o interesse

Atividades	Em casa	Em Rio Claro	Outras cidades
Artísticas	Tocar sanfona	Exposições, <i>shows</i> , apresentações: orquestra e seresta, cinema e cantar	Shows e exposições de pintura e de flores
Intelectuais²	Ler e jogar baralho	Jogar baralho	
Físicas	Bicicleta ergométrica e andar no quintal	Ginástica generalizada, hidroginástica, musculação e caminhar	Voleibol
Sociais	Receber amigos e conversar	Encontro de idosos, dançar, trabalho voluntário e/ou associativo ³ , visita a parentes/amigos e bares/restaurantes	Almoçar com os amigos e bailes
Turísticas	-	Passear, bares/restaurantes e fazer compras	Passear, passear no shopping
Virtuais	As atividades de interesse virtual não se destacam numericamente nesta pesquisa, talvez pelo fato de refletirem ainda um período que não seja tanto das pessoas ligadas à era da comunicação.		
Manuais*	Trabalhos artesanais, culinária, costurar, e jardinagem		
Meios de comunicação	“Ver televisão/filme” e “ouvir rádio/música” são entretenimentos que podem constituir um fato sem interesse cultural, mas se os idosos vêem ou ouvem é porque possuem significados para aqueles que praticam e muitas vezes podem ser passatempos. Dos programas avistados na televisão destacam-se, em ordem: novelas, jornal/notícias, filmes e programas religiosos.		
Outros interesses³	62 % referem-se às atividades de cuidados e limpeza com o lar.	Bingo ¹ , igreja, cemitério, namorar, chácara, piscina, pescar, sauna e clube	Atividades contemplativas (descansar, e admirar a natureza) e outras tais como: praia, chácara, pescar, piscina, igreja e bingo

Fonte: Dados coletados pela autora nos meses de maio/jun./jul./ago. de 2004.

* Essa atividade ocorreu apenas dentro de casa.

¹ Classificamos o bingo como “jogos aleatórios ou de azar”, pois Andrade (2001, p. 149) enfatiza: “Na classificação dos jogos aleatórios ou de azar, incluem-se todas as atividades que envolvem brincadeiras ou tentativas de obtenção de sucesso, apesar da ocorrência ou da concorrência de circunstâncias incertas ou imprevistas”.

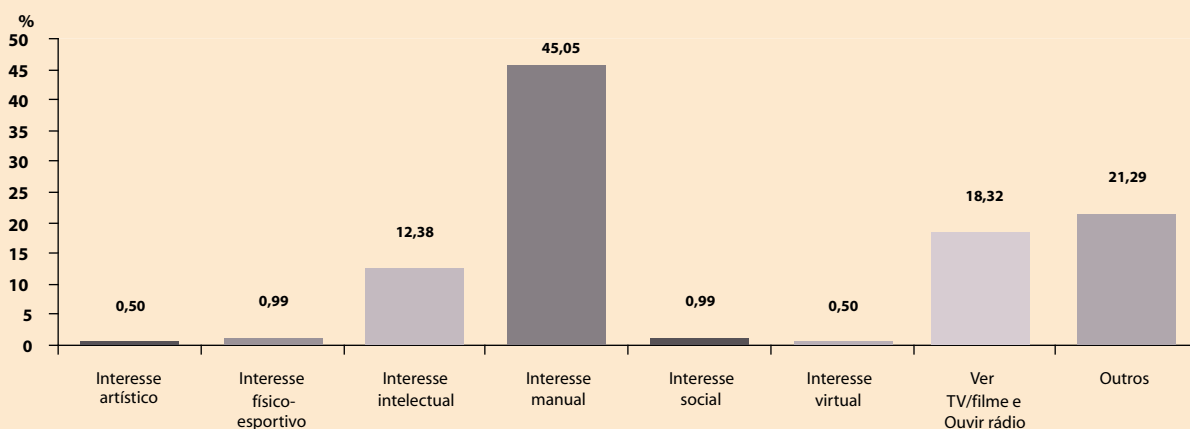
² As atividades de cunho intelectual são muito procuradas por grupos organizados de idosos. Depois de aposentados, eles têm a oportunidade de atender a certos desejos que, no decorrer da vida, não foram desenvolvidos, até pelas limitações estabelecidas pelo trabalho.

³ Concordamos com Ivanowicz (2000, p. 126) que, sobre o trabalho voluntário, enfatiza: “Os idosos se auto-realizam participando nos trabalhos sociais, comunitários e da própria família”.

As atividades de lazer mencionadas na pesquisa e que não puderam ser enquadradas em nenhuma das categorias mencionadas foram agrupadas como “outras”. As atividades de lazer podem ser associadas aos espaços em que usualmente são praticadas. As respostas à entrevista feita com os idosos participantes dos grupos puderam ser agrupadas segundo as

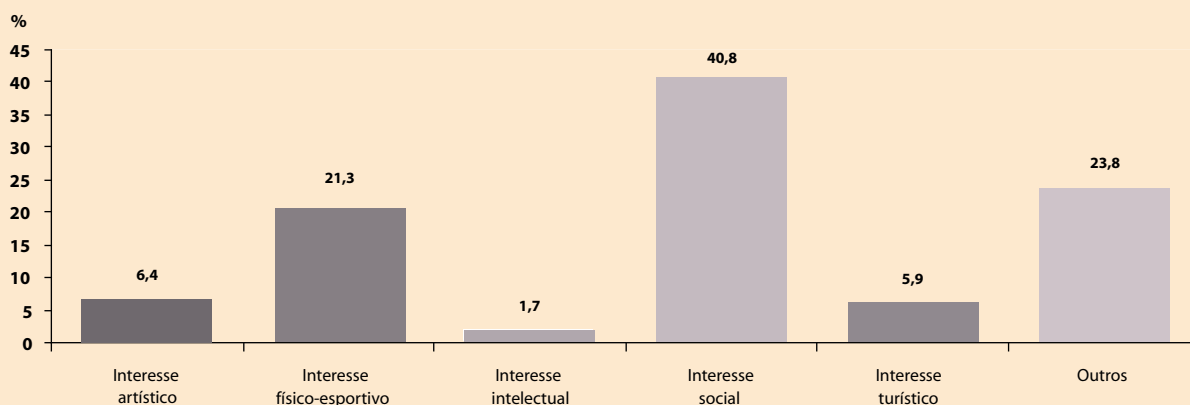
classes do quadro 1 e por espaço preferencial (casa, cidade, outras cidades), resultando no Quadro 2.

Quando os dados das entrevistas são quantificados e representados graficamente, nas figuras 1, 2 e 3, há a possibilidade de coleção de algumas informações importantes.



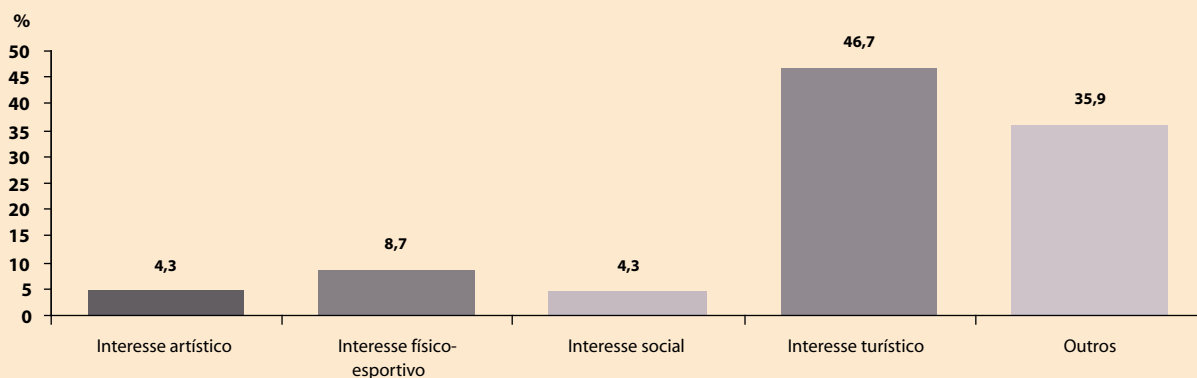
Fonte: Dados coletados pela autora nos meses de maio/jun./jul./ago. de 2004.

Figura 1 – Atividades de lazer realizadas pelos idosos em suas casas



Fonte: Dados coletados pela autora nos meses de maio/jun./jul./ago. de 2004.

Figura 2 - Atividades de lazer realizadas pelos idosos em Rio Claro-SP



Fonte: Dados coletados pela autora nos meses de maio/jun./jul./ago. de 2004.

Figura 3 – Atividades de lazer realizadas pelos idosos em outras cidades

A primeira informação que salta à vista é que, em cada espaço, predomina um tipo de atividade. Em casa, os idosos basicamente realizam atividades manuais (artesanato, costura, cozinha e jardinagem), que, a rigor, dizem respeito à manutenção da casa, mas que são entendidas como lazer pelos entrevistados. É destacável também a importância de televisão/rádio como forma de lazer doméstico, bem como os chamados interesses intelectuais, que, no caso, certamente devem-se ao jogo de baralho mais que à leitura, dado o nível intelectual dos entrevistados, já comentado. É também interessante notar não ser atividade comum de lazer o receber visitas para uma conversa em casa. Aparentemente, essa atividade social fica inerente aos encontros durante as reuniões de grupo. As caminhadas também se revestem de aspecto fundamental, sendo consideradas atividade importante.

A localização das principais atividades de lazer na cidade revela os espaços usados pelos idosos, desvendando sua territorialidade (Quadro 3, Figura 4).

Constata-se que boa parte dos locais freqüentados pelos idosos, na cidade de Rio Claro, está no Centro ou próximo dele, como é o caso da freqüência a restaurantes, compras e dança em clubes.

Outras atividades, pela própria natureza, têm maior dispersão na malha urbana, ampliando, dessa forma, o território dos idosos (Figura 4), como a freqüência às igrejas e o trabalho voluntário.

É necessário ressaltar que nem todos os idosos freqüentam todos os lugares, o que implica territórios individuais diferenciados e, muitas vezes, uma certa segmentação do território por grupo de pessoas, uma vez que, para os idosos, o fator locomoção/deslocamento é limitante.

Os componentes dos territórios dos idosos não apresentam muita diversificação: a) sedes dos Grupos de Idosos; b) igrejas; c) locais de práticas desportivas (caminhada e hidroginástica); d) locais de lazer onde se realizam bailes e apresentações musicais.

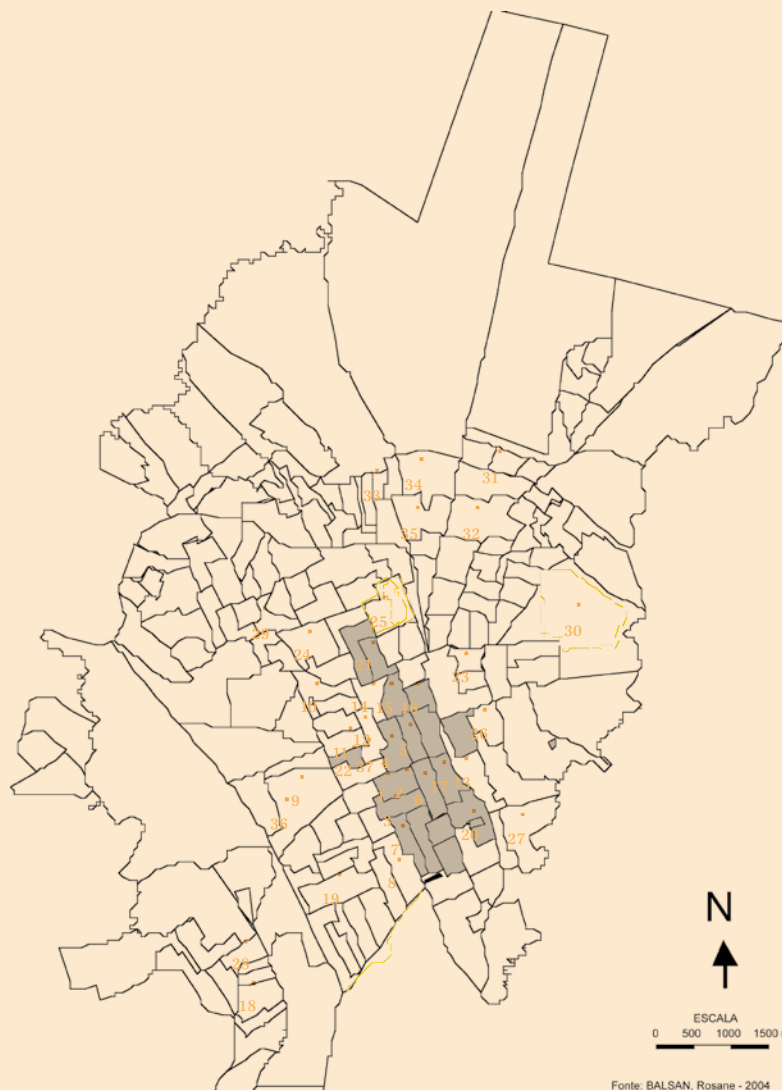
Quadro 3 – Locais citados onde são realizadas as atividades de lazer de acordo com os interesses

Interesses turísticos ¹	
Bares/restaurantes: Shopping Center Rio Claro, churrascaria, restaurantes e pizzarias na cidade.	Compras: Shopping Center Rio Claro, lojas no centro da cidade (rua 3).
Interesses físicos	
Caminhadas: ruas da cidade (principalmente avenida 29), Lago Azul e campus da Unesp.	Hidroginástica: academias da cidade, Sesi, Ginásio Municipal Felipe Karam, Centro Social Urbano João Rehder Neto, Centro Social Urbano Mitiko Nevoeiro, Grêmio Recreativo dos Empregados da Fepasa, Unesp, Floridiana Tênis Clube.
Interesses sociais	
Dançar: Grêmio Recreativo dos Empregados da Fepasa, Sociedade Beneficente Cultural Dançante Veteranos, Abrigo da Velhice São Vicente de Paula, Grupo Ginástico Rio-Clarense, Chácara Scatolim, Sesi e Sociedade Italiana.	Trabalho voluntário: Casa Nossa Senhora, Rede de Combate ao Câncer, Associação dos Deficientes de Rio Claro, Abrigo da Velhice São Vicente de Paula, Casa das Irmãs, Lar Espírita Esperidião Prado, Círculo Operário, Clube de Mães Pão dos Pobres, Centro Social Bom Jesus, Pastoral da Caridade – Paróquia Divino Espírito Santo, Igreja Santa Cruz, Clube de mães das igrejas: Bom Jesus, Santo Antônio, Sant'Ana. Visitar doentes.
Interesses artísticos	
Apresentação da orquestra: Centro Cultural Roberto Palmari e Sociedade Filarmônica Rio-Clarense. Cinema: Shopping Center Rio Claro.	Cantar: Grupo de Idosos Reviver Exposições de artesanato: Estação Ferroviária, Jardim Público e qualquer lugar. Seresta: Praça Dalva de Oliveira e Jardim Público ² .
Interesses intelectuais	
Jogar baralho: Casa de amigos e Centro Social Urbano João Rehder Neto.	
Outros interesses	
Bingo: Bingo Rio Claro, Bingo Real, Casa de amigos, Abrigo da Velhice São Vicente de Paula, Lar Bethel e Samuca. Chácara: Ferraz, Ajapi e Particular. Ir ao clube: Floridiana Tênis Clube, Clube de Campo de Rio Claro. Pescar: Bairro Assistência, Rio Passa Cinco.	Igreja: Matriz, Bom Jesus, Aparecida, Sant'ana, Santa Cruz, São José Operário, São Judas Tadeu, Boa Morte, Imaculada, Luterana, Mãe Preta, Nossa Senhora da Saúde, Quadrangular, Santa Rita, São Benedito e Testemunhas de Geová. Piscina: Clube de Campo de Rio Claro e Centro Social Urbano João Rehder Neto. Sauna: Centro Social Urbano João Rehder Neto.

Fonte: Dados coletados pela autora nos meses de maio/jun./jul./ago. 2004.

¹ A própria cidade de Rio Claro é, em escala social, o principal espaço turístico. Assim, independente de como se julgue seu valor cultural ou histórico, consideraram-se as atividades praticadas constituindo itens principais do turismo local.

² A Praça Dalva de Oliveira e o Jardim Público destacam-se ou por seu valor simbólico, pelo lado paisagístico ou até mesmo porque existem políticas públicas voltadas para atividades direcionadas aos idosos.



Legenda

- 1 - Matriz São João Batista
- 2 - Sociedade Filarmônica
- 3 - Instituto Nossa Senhora da Assunção
- 4 - Sindicato dos Eletrecitários
- 5 - Praça Sargento Othoniel Teixeira e XV de Novembro (Jardim Público)
- 6 - Prédio da UFA
- 7 - Igreja São Benedito
- 8 - Paróquia Bom Jesus
- 9 - Praça Dalva de Oliveira
- 10 - Emaús
- 11 - Grêmio Recreativo dos Empregados da Fepasa
- 12 - Igreja Santa Cruz
- 13 - Shopping Center Rio Claro
- 14 - Sede de um Grupo localizado em residência particular
- 15 - Igreja Evangélica Luterana
- 16 - Casa Nossa Senhora
- 17 - Grupo Ginástico Rio-Clarence
- 18 - Paróquia Divino Espírito Santo
- 19 - Centro Social Social Urbano Mitiko Nevoeiro
- 20 - Asilo São Vicente de Paula

- 21 - Paróquia Aparecida
- 22 - Sociedade Beneficiente Cultural Dançantes Veteranos
- 23 - Salão Vicentinos
- 24 - Centro Social Urbano João Redher Neto
- 25 - Centro Cultural Roberto Palmari e Parque Municipal Lago Azul
- 26 - Centro Social Urbano Niazi Husni
- 27 - Igreja Santo Antonio
- 28 - Centro Comunitário Brasília I
- 29 - Centro de Convivência Padre Augusto Casa Grande
- 30 - Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho" - UNESP
- 31 - Associação de Bairro Arco-Íris
- 32 - Praça Victoria Bonini Francelini
- 33 - Centro Comunitário Integrado Beija Flor
- 34 - Centro de Atividades José Felício Castellano - SESI
- 35 - Floridiana Tênis Clube
- 36 - Supermercado Compre Bem
- 37 - Paróquia Sant'Ana

■ Caminhadas ■ Setores Seleccionados

Figura 4 – Espaços freqüentados pelos idosos entrevistados em Rio Claro-SP

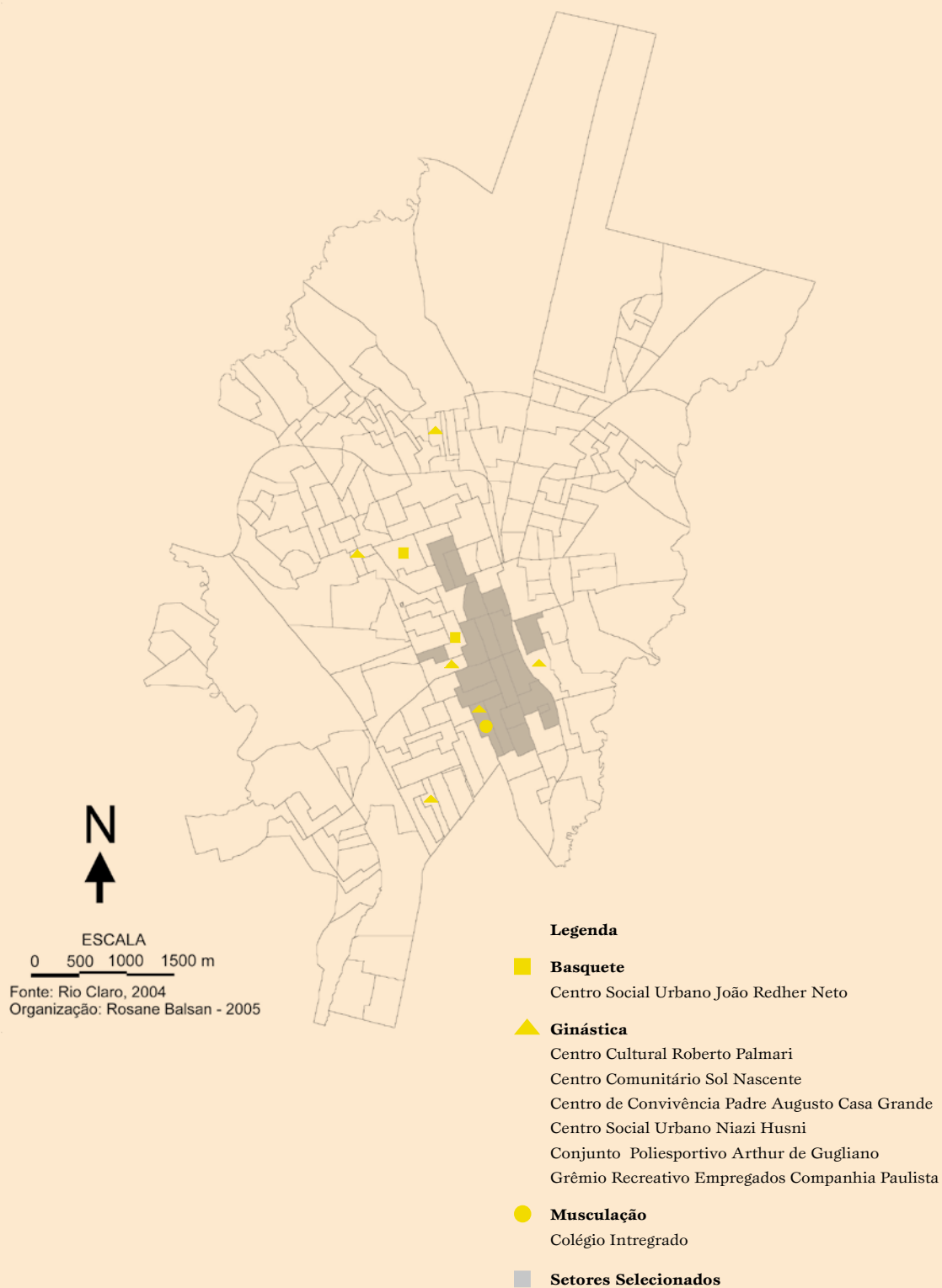


Figura 5 – Locais das atividades físicas e esportivas oferecidas aos idosos pela Prefeitura de Rio Claro-SP – 2004

Exceto para caminhadas, em que, pelo fato de ser uma cidade predominantemente plana, praticamente toda a área urbana poderia ser considerada adequada, para outras atividades que requerem equipamentos públicos ou especiais, ou, ainda, a organização a partir do poder municipal, Rio Claro deixa a desejar.

As atividades físicas direcionadas para idosos, oferecidas pela Prefeitura, dividem-se em apenas três modalidades: basquete, ginástica e musculação, e se distribuem pelos próprios espaços municipais da cidade (Figura 5).

As práticas esportivas e outras formas de lazer podem fomentar a integração social e a participação do idoso, desenvolvendo hábitos saudáveis e maior controle do corpo. A localização dessas atividades é fundamental, uma vez que implica a locomoção do idoso, fato que assume importância em função especialmente das deficiências do transporte coletivo. Assim uma coordenadora manifesta-se sobre dois importantes espaços de lazer que ficam no centro da cidade:

As áreas de lazer interessantes são a Praça Dalva de Oliveira e o Jardim Público. Só acho algumas coisas: A prefeitura teria que fazer uma praça, por exemplo, no Cervezon, outra no Guanabara. Elas estão bastante no centro, tudo muito no centro.

Por exemplo o show na Praça Dalva de Oliveira é um horário bom das 18h às 20 horas, mas não tem muita gente idosa lá porque tem um problema – [os filhos dizem]. Ai, mãe, agora não dá para levar vocês. Para ir a pé é muito longe. Enfrentar ônibus, nem sempre tem ônibus que passa próximo. Então fica aquela – pedir para a família.

Ainda sobre a infra-estrutura: “Precisa um sanitário na Praça Dalva de Oliveira. As pessoas idosas elas estão sempre precisando,

nem que ficasse fechado mas abrisse na hora do show, da festa, do baile”.

Como se pode observar, os idosos entrevistados têm interesses diversificados que poderiam ser potencializados com a oferta de diversas atividades de lazer.

Ao serem entrevistados sobre se fariam algum curso, 60 % dos idosos informaram que não gostariam de fazer qualquer curso e muitos foram os comentários: “eu já estudei tudo o que tinha que estudar”, “já fiz vários”, “agora quero descansar”. Dos que manifestaram interesse, há nítida preferência para os cursos manuais (artesanato), seguidos pelos de caráter intelectual, como informática e alfabetização (Tabela 1).

Tabela 1 – Cursos que os idosos gostariam de fazer

Tipo de curso	Número absoluto	Porcentual
Artesanato	21	26,92
Informática	9	11,54
Culinária	7	8,97
Alfabetização	6	7,69
Instrumentos musicais	6	7,69
Outros	6	7,69
Estudar +	5	6,41
Pintura	5	6,41
Cursos técnicos/profissionalizantes	4	5,13
Cursos universitários	4	5,13
Idioma	3	3,85
Dança	2	2,56

* O total de 100 % corresponde ao número de respostas (78) obtido em 64 sujeitos entrevistados.
Fonte: Dados coletados pela autora nos meses de maio/jun./jul./ago. de 2004.

Quando questionados sobre que atividades de lazer gostariam de praticar individualmente, predomina o interesse físico-esportivo em relação às aspirações futuras das atividades de lazer, seja pessoal ou para o Grupo de Idosos (tabelas 2 e 3).

Com base nos comentários durante as entrevistas, verifica-se que os cursos ou qualquer outra programação no Grupo de Idosos devem ser adequados ao tempo, à satisfação, ao aprendizado de novos conhecimentos e à aquisição de novas experiências.

Dos 159 participantes, 47 (29,56 %) não gostariam de fazer nenhuma atividade e, para os demais, predomina, como já citado, a atividade esportiva.

Tabela 2 – Atividades de lazer que os idosos gostariam de praticar

Tipo de atividade	Número absoluto	Porcentual
Caminhar	64	57,1
Passear mais/viajar	25	22,3
Outros	10	8,9
Tocar instrumentos musicais	5	4,5
Costurar	4	3,6
Baile/dançar	4	3,6

O total de 100 % corresponde a respostas (112) obtidas de 112 participantes.

Fonte: Dados coletados pela autora nos meses de maio/jun./jul./ago. 2004.

Procuramos saber por que motivo os entrevistados não praticavam as atividades de lazer inspiradas, ficando evidente que, em

relação à resposta sobre esporte, os fatores limitantes eram a saúde e o fator econômico. O interesse turístico vem como segunda atividade mais citada, sendo que os idosos entrevistados gostariam de viajar mais, e que apenas não o fazem por questões econômicas.

A questão sobre interesse por outra atividade, além das atividades atualmente realizadas no grupo, 51 % dos sujeitos entrevistados refere-se a “não precisar de atividades” e/ou “está bom”. Dos que gostariam que houvesse outras atividades, 78 participantes sugeriram algumas, dando ênfase para as atividades esportivas e os passeios (Tabela 3).

Tabela 3 – Atividades de lazer que os idosos gostariam de praticar nos grupos

Tipo de atividade	Número absoluto	Porcentual
Atividades esportivas	24	25,81
Palestras	14	15,05
Passeios	18	19,35
Artesanato	8	8,60
Baile/dança	8	8,60
Atividades intelectuais	5	5,38
Trabalho voluntário social	5	5,38
Cursos	4	4,30
Festas	3	3,23
Atividades extra-espacos do grupo	2	2,15
Bingo	2	2,15

O total de 100 % corresponde ao número de respostas (93) obtido de 78 sujeitos participantes.

Fonte: Dados coletados pela autora nos meses de maio/jun./jul./ago. 2004.

Como se pode constatar, são aspirações muito simples que refletem a mesma simplicidade dos entrevistados e que poderiam, em grande parte, ser atendidas pelo Poder Público, ou por melhor organização dos grupos. O Poder Público oferece algumas oportunidades, entretanto 57 % dos entrevistados citaram não conhecer ou não saber de sua existência. Do restante que as conhece, apenas 47% deles participam ativamente; dados que demonstram a falta de divulgação e/ou interesse dos idosos.

Indagados sobre o que falta para melhorar o lazer dos idosos na cidade, os coordenadores listam :

- melhorar a oferta de apresentações musicais e shows, inclusive serestas e bailes para a terceira idade;
- haver um lugar melhor para a reunião dos idosos;
- incentivar o esporte entre idosos, além das caminhadas, disponibilizando piscinas aquecidas, quadras esportivas nos finais de semana;
- oferecer cursos de informática, culinária e costura;
- proporcionar passeios em grupo com atividades esportivas e/ou culturais,

mesmo em espaços do município como a Floresta Estadual Edmundo Navarro de Andrade, a Usina Hidrelétrica do Corumbataí e o Lago Azul.

Considerações finais

As opções das atividades de lazer na cidade, que vão desde os parques e as reservas ecológicas às festas típicas, todos estes promovem o bem-estar de idosos e contribuem com a qualidade de vida. O estudo das atividades de lazer na cidade de Rio Claro-SP pôde agrupá-las segundo interesses (físico, manual, artístico, intelectual, social, turístico, virtual, aos meios de comunicação, entre outros) e por espaço preferencial (casa, cidade, outras cidades). Apresenta também os componentes dos territórios dos idosos, ressaltando-se as sedes dos Grupos de Idosos, as igrejas, os locais de práticas desportivas e os locais onde se realizam bailes e apresentações musicais. Este estudo revela, ainda, a necessidade de ampliar as vagas e oportunidades físicas, esportivas, recreacionais e de lazer, promovendo atividades físicas, esportivas e de lazer em espaços institucionalizados, tais como a Floresta Estadual Edmundo Navarro de Andrade, o Parque Municipal Lago Azul, a antiga estação ferroviária, entre outros espaços nos bairros periféricos.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, José Vicente de. *Lazer: princípios, tipos e formas na vida e no trabalho*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 199p.
- BALSAN, Rosane. *Espaços de turismo e lazer dos idosos em Rio Claro-SP*, 2005. 170f. Tese (Doutorado) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.
- BARRETO, Margarita. Espaço público: usos e abusos. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza (Org.). *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 38-54.
- BONALUME, Cláudia Regina. O lazer numa proposta de desenvolvimento voltada à qualidade de vida. In: LAMARTINE, Ademir Pereira da Costa (Org.). *Lazer e desenvolvimento regional*. Santa Cruz do Sul: EDUNIS, 2002. p. 87-212.
- BRAMANTE, Antonio Carlos. Perspectivas para o lazer: mercadoria ou sinal de utopia? In: GEBARA, Ademir et al. *Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI*. Campinas, Papirus, 1992. p. 181-196.
- _____. Recreação e lazer: o futuro em nossas mãos. In: GEBARA, Ademir et al. *Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI*. 6. ed. Campinas: Papirus, 2001. p. 161-180.
- CAMARGO, Luiz Otávio. *O que é lazer*. São Paulo: Brasiliense, 1986. 20p.
- CORRÊA, Denise Aparecida. *Domingo no parque: a (sobre)vivência do lazer nos parques públicos municipais da Zona Leste da Cidade de São Paulo (1970-2001)*. 2002. 253f. Dissertação. (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2002.
- COSTA, Kátia Cristina Ribeiro. *O centro de Recife e suas formas comerciais: transformações e persistências*. 2003. 196f. Dissertação. (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- DUMAZEDIER, Jofre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- _____. *Questionamento teórico do lazer*. Porto Alegre: Departamento de Planejamento Pesquisa e Laboratório do Celar/PUC-RS, [1975?]. 73p.
- _____. *Valores e conteúdos do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- FRANÇA, Lucia. Preparação para a aposentadoria: desafios a enfrentar. In: VERAS, Renato (Org.). *Terceira idade: alternativas para uma sociedade em transição*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999. p. 11-34.
- IWANOWICZ, J. Bárbara. O lazer do idoso e o desenvolvimento prossocial. In: BRUHNS, He-loisa Turini. (Org.). *Temas sobre lazer*. Campinas: Autores Associados. 2000. p.101-129. (Coleção educação física e esportes).
- LOVISOLO, Hugo. Mídia, lazer e tédio. *Revista Brasileira de Ciência da Comunicação*, São Paulo, v. 26, n.2, p.13-19. jul./dez. 2004
- MELO, Victor Andrade Junior; ALVES, Edmundo de Drumond. *Introdução ao lazer*. Barueri: Manole, 2003, 153p.
- MÜLLER, Ademir. Lazer, desenvolvimento regional: como pode nascer e se desenvolver uma idéia. In: MÜLLER, Ademir; LAMARTINE Pereira da Costa (Org.). *Lazer e desenvolvimento regional*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002. p. 9-40.

PEIXOTO, Clarice. Terceira idade: de volta às aulas ou de como ser estudante aos 60 anos. In: VERAS, Renato P. Terceira idade: desafios para o terceiro milênio. Rio de Janeiro: Unati/Uerj, 1997. 192p.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Lazer e estilos de vida: reflexão e debate na perspectiva da “virada” da contemporaneidade. In: BURGOS, Miria Suzana; PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães (Org.). *Lazer e estilo de vida*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002. p. 9-26.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. *Consumo e espaço: turismo, lazer e outros temas*. São Paulo: Roca, 2001. 135p.

ROLNIK, Raquel. O lazer humaniza o espaço urbano. In: SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO; ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE LAZER E RECREAÇÃO (Org.). *Lazer numa sociedade globalizada*. São Paulo: Sesc/WRLA, 2000. p. 179-184.

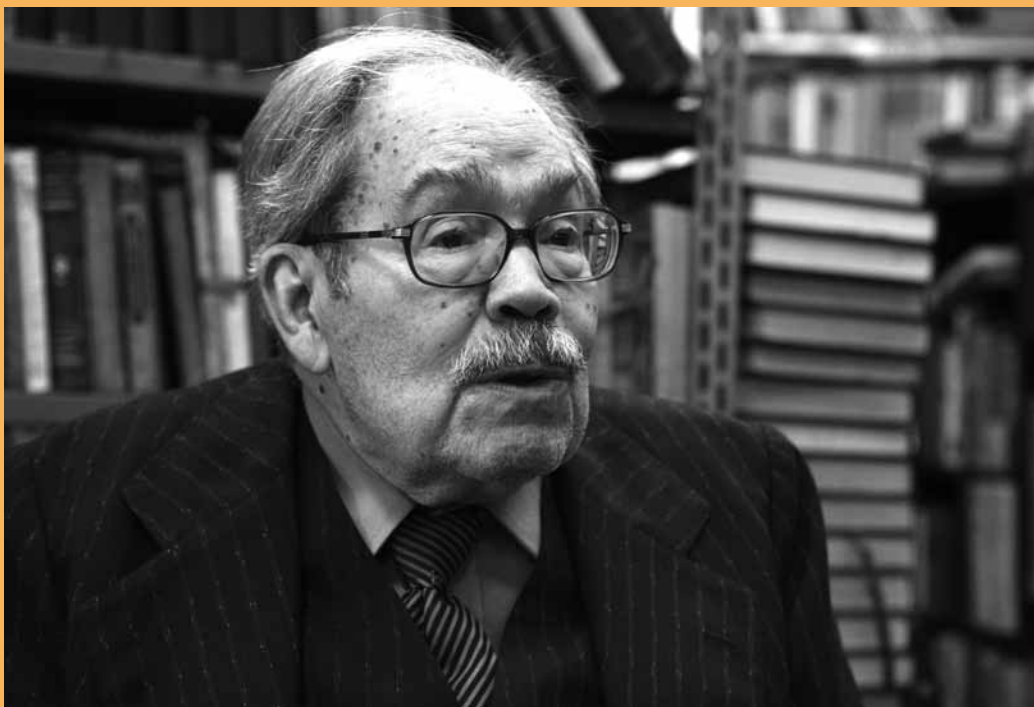
SCHWARTZ, Gisele Maria. Homo expressivus: as dimensões estética e lúdica e as interfaces do lazer. In: BRUHNS, Heloisa Turini (Org.). *Temas sobre lazer*. Campinas: Autores Associados, 2000. p. 87-99. (Coleção Educação Física e Esportes)

_____. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. *LICERE*. Revista do Centro de Estudos de Lazer e Recreação, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 23-31, 2003.

SILVA, Fátima Sueli de Souza. *O comportamento psicossocial do turista na terceira idade*. 1998. 74f. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Comunicação, Propaganda e Turismo) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

STELLA, Florindo et. al. Depressão e atividade física no idoso. *MOTRIZ: Revista de Educação Física*, Rio Claro, v. 9, n. 1, p. 40, jan./abr. 2003. Suplemento.

TREIBE, John. *Economia do lazer e do turismo*. 2. ed. São Paulo: Manole, 2003. 44p.



Luiz de Oliveira Dias

Nascido em Portugal, o senhor Luiz chegou ao Brasil muito jovem, no início da segunda guerra mundial, e sem ter idéia do que faria aqui para viver.

Já no primeiro dia, porém, sua ocupação foi traçada, por uma incrível coincidência. A partir de uma informação sussurrada por seu pai, no abraço de despedida quando o jovem se preparava para entrar no navio que o traria para cá, definiu-se sua história de vida: a convivência permanente com os livros.

Desde então eles têm sido o propósito de sua vida e o caminho para conhecer pessoas de destaque no mundo da política, da literatura, das artes, e também tornar-se o incentivador de um número incontável de leitores e bibliófilos.

Tornou-se proprietário da Ornabi – Organizadora Nacional de Bibliotecas, inaugurada em 1945 na região da Praça da Sé, na cidade de São Paulo, que nos anos 60 chegou a ter mais de 360 mil livros.

No ano de 2007 ele decidiu vender o acervo para descansar, viajar para Portugal, visitar a família. Muitos leitores sentirão falta do espaço, dos livros, da atenção e da boa conversa do senhor Luiz, que imprimiu sua marca, fez amigos neste mercado e se tornou parte da história do centro de São Paulo.



REVISTA – *Em que cidade o senhor nasceu?*

LUIZ – Ah, isso é muito importante nessas entrevistas todas que tenho dado, haja vista que eu dou um realce especial à terra onde eu nasci, por quê? Porque teríamos, em vez de uma terra, uma terrinha, uma aldeia com 300 fogos, famílias. É pai, mãe e um filho. Nasci em 1918 em Alburitel, Portugal. Vim para o Brasil em 1939 e após 42 anos aqui, voltei, e a aldeia continuava com seus 300 fogos, algo em torno de mil habitantes.

REVISTA – *Como foi a sua infância em Alburitel?*

LUIZ – Ah, eu praticamente não passei a minha infância em Alburitel. Porque, depois que eu fiz o primário, o meu pai me levou para um internato. Existem em Portugal, não sei se continuam existindo ou se não existem mais, umas escolas importantes, com certa influência na região. Meu pai me levou para Santo Tirso, um pouco acima do Porto. É lá no Minho, lugar pitoresco. E eu fiquei nesse colégio interno dos 12 aos 15 anos. De vez em quando meu pai ia lá me visitar. Eu tenho

certas habilidades, vamos dizer, para tocar órgão, tocar piano, eu toco qualquer coisa. Um dia, acho que foi numa festa mais ou menos religiosa, sei lá, numa das festas religiosas, eu estava dirigindo o orfeão, tínhamos um orfeão de 83 vozes. Eu tinha uns 14 anos e já dirigia o orfeão do Santo Tirso. Então comecei a criar uma certa fama de que tinha jeito para isso. Meu pai chegou na hora em que a missa ia se dar... e eu dirigia o orfeão, eu abri uma porta da igreja, e quem entra? Entra o meu pai. Fiquei tão emocionado! Algum tempo depois, resolvi fugir do colégio.

REVISTA – *O senhor fugiu do colégio?*

LUIZ – É, eu havia pedido um dinheiro para o meu pai. Fiquei com aquele dinheirinho guardado e esperei uma oportunidade. Fugi para a minha casa. Em Portugal as distâncias não são assim tão grandes, mas eram uns 400 quilômetros de distância. O interessante foi o seguinte: eu vim primeiro para uma cidadezinha e lá perguntei quanto custava a passagem para Chão de Maçãs, uma estação onde parava o trem. Então, eu via que eu podia muito bem ir de Santo Tirso a Campanhã, a estação do Porto, e depois pegar o trem de Campanhã a... Chão de Maçãs.

Mas no meio do caminho encontrei o meu irmão, que estudava Veterinária na cidade do Porto. Mais tarde tornou-se um grande veterinário, mas já morreu. Então, quando eu cheguei em Campanhã, estavam fechando as portas do trem, apareceu o meu irmão. Conversei-lhe a história. Ele me disse: “Opa, agora você vai levar uma tarefa”, como diziam lá em Portugal.

REVISTA – *E o que é uma “tareia”?*

LUIZ – É uma coça, uma surra. E meu irmão ficou me gozando. Mas era uma brincadeira. Ele foi até Alburitel comigo, e encontramos, então, o meu pai num dia glorioso. Ele me recebeu muito bem; fiquei em casa, sei lá, talvez durante uns 3 ou 4 meses, porque eu tinha de continuar os estudos. Então me trouxeram para Tomar, uma cidade importantíssima. Deve ter uns 40 mil habitantes, tem vários colégios e, imagine, tem 17 livrarias! Estudei lá até 1939. Estudei no liceu, equivalente ao colegial.

REVISTA – *E foi nessa época que o senhor veio ao Brasil?*

LUIZ – Bom, nós estamos em 39 e em Portugal, em Alburitel, e em toda parte só se falava em guerra. Hitler estava tomando a Polônia e aqueles países todos em volta. E o meu pai, preocupado, um dia me disse: “Olha, Luiz, tens de ir embora. Isto aqui não é terra para ti”. Ah, e veio o boletim da época, dizendo que o Exército estava realizando recrutamento. Meu pai ficou assustadíssimo!

REVISTA – *Mas veio toda a família para o Brasil, ou só o senhor?*

LUIZ – Não, só eu. O meu pai andou pedindo dinheiro a todo mundo, e conseguiu me levar para Lisboa. De Lisboa peguei um navio chamado Formose. Era uma espécie de cargueiro. Foram 18 dias em cima das ondas do mar! E sozinho! Eu tinha 20 anos. Meu pai chorou muito. Mas não tive medo. Foi uma viagem tranqüila. Eu estava lá em Lisboa, fui para o navio, bastante antes de o navio zarpar. Lá

ficamos conversando, eu e meu pai. Dali a pouco o navio apitou, ia zarpar, ia embora. São três apitos muito estridentes e meio lúgubres. E aquilo tudo, eu ficava, assim, olhando meio inconsciente, e disse: “Paizinho, mas a gente há de se dar bem lá no Brasil”. Mas pensei: “Sei lá onde é isso!”

REVISTA – *Como foi a sua chegada ao Brasil?*

LUIZ – Pois é, há um detalhe muito curioso no meio disso tudo. Meu pai, na terceira apitada do navio, se vira para mim, aperta-me muito e diz assim: “Olha, ó Luiz, lembrei-me aqui de uma coisa. Eu tenho um amigo que eu encontrei numa feira, é um tal de Vieira. E ele mora em São Paulo”. Isso sem a gente saber o que era São Paulo. Eu pensava que São Paulo fosse uma aldeia como Alburitel. Então ele me deu aquele abraço e disse que o tal de Vieira – e eu só sabia isso – tinha uma casa de livros. Deu-me aquele abraço e foi embora, e eu fui para o navio. Eu fiz um diário, eu tenho um diário. Está com a minha neta. Então, fiquei 18 dias e 18 noites sobre as ondas do mar. Éramos, assim, talvez umas mil pessoas, um navio enorme.

REVISTA – *Em 1939, a Segunda Guerra estava começando...*

LUIZ – Sim. Os alemães torpedearam um navio brasileiro e um uruguaio quando nós estávamos chegando ao Rio de Janeiro. Então o capitão fez uma experiência para ver se nós cabíamos todos nos botes salva-vidas. Nós tínhamos uma noite toda ainda para viajar e ele estava com medo de que acontecesse alguma coisa. Fizemos, então, um treino e entramos nas barcas. Entramos todos. Uma coisa triste, viu?

As crianças chorando... Uma coisa horrível! E descemos todos ao mar. O mar estava bravo. Uma berraria danada.

REVISTA – *Como foi sua chegada ao Rio?*

LUIZ – Logo que desci do navio, entrei na alfândega... Eu, como morei também muitas vezes em Lisboa, já tinha um certo traquejo com o pessoal de alfândega. E falei lá para o camarada se eu podia seguir imediatamente para São Paulo. Então o camarada me liberou e eu caí fora. Eram umas 11h da manhã e lá estava eu, com uma maleta na mão, procurando o lugar onde se pegava um ônibus ou uma caminhonete para São Paulo. Levei quatro horas e meia para chegar a São Paulo; era quanto se levava de caminhonete. Vínhamos pela estrada velha. Eu fiquei abismado com tudo. Cheguei a São Paulo com alguns amigos portugueses que conheci no navio. Então desci na Praça da Sé, quando havia só uma torre na catedral. Uma estava completa, e a outra estava a meio caminho. Eu olhei para aquilo e vi uma São Paulo, já naquela época, com 2,5 milhões de pessoas! Era uma coisa... Quando cheguei aqui, a primeira rua em que caminhei foi a Benjamim Constant e vi aquela multidão, fiquei alucinado! Com uma maleta na mão! Eu reparei numa coisa: que a multidão ia toda em direção à Rua Riachuelo, para a Repartição de Águas. Era a época do Ademar de Barros: “São Paulo não pode parar. São Paulo é a cidade em que mais se constrói no mundo”. Os dísticos diziam coisas assim, por toda parte. Andei, e parei, num dado momento, em plena Rua Riachuelo. Parei em frente da “Livraria Lusitana”. Me lembrei: “Oh! Meu pai falou no Vieira”. Chorei. Quanta emoção me levou lá! Entrei, enfrentando o dono da livraria.

Ele era um tipo atarracado, um português forte. Falei para ele: “Vossa Excelência não está a precisar de um caixeiro? Eu sou português, estou chegando agora, e eu estou aqui atrapalhado. Não sei nem o que fazer porque estou numa terra estranha”. E fui contando as coisas. “De onde tu és?”, ele perguntou. Eu disse: “Sou ali de Ourém”. “Ah, então é da minha terra? Eu sou de Atouguia”, ele falou. “Atouguia? – falei assim – conheço muito. É uma aldeia próxima de Fátima”. Fátima, naquele tempo, tinha uma projeção imensa. “Então tu és de Ourém, ou não é?” “Ora, de Ourém.” “Então, você não é de...?” Eu falei: “Alburitel”. Quando eu falei Alburitel, ele disse assim: “Olha, só existe em Alburitel um homem que poderia eventualmente lembrar-se de ter um filho a fugir da guerra. É o senhor José Dias”. “O senhor José Dias é o meu pai”. Então, de vez em quando eu conto essa história porque eu acho que ela foi um momento de suspense. Acontecer isso é difícil.

REVISTA – *Então o senhor se empregou nessa livraria?*

LUIZ – Na mesma hora, ou seja, às 18h30, porque a Igreja da Sé e o comércio na época fechavam às 19h. Então o Vieira disse para a empregada: “Ô, Luiza, prepara aí um banho para um patrício que está todo sujo!” É que eu havia tomado aquela poeira toda nas quatro horas e meia de viagem. Às 18h30 eu já estava arrumadinho, atrás do balcão. Algum tempo depois aconteceu uma coisa muito curiosa com o despachante que ia tirar o documento para a minha permanência no Brasil. Em geral, todo imigrante tinha de ir “quebrar pedras” no interior, quer dizer,



fazer trabalho braçal, ir lá para Presidente Prudente, por exemplo, e tinha de ficar um ano por lá! E o Vieira estava tentando me ajudar, mas o despachante falhou. Então, o Vieira me mandou para o Rio de Janeiro, onde ele também tinha uma livraria, para que eu pudesse cuidar dos documentos. Éramos 18 livreiros, 18 vendedores de livros. Hoje essa livraria não mais existe. Eu lá fiquei até 1942. No fim de 42 recebi uma carta de um amigo meu, convidando-me para vir a São Paulo. Vim então para São Paulo.

REVISTA – *Aí o senhor resolveu abrir a sua livraria?*

LUIZ – Foi. Entrementes, quando eu vim para São Paulo, já tinha comprado a livraria do Vieira, por quê? Porque uma vez ele foi lá (no Rio), uns tempos antes, e, um dia, eu jantando com ele – ainda me recordo do restaurante, Restaurante Timpanas. Ainda hoje é um restaurante. Eu disse: “Olha, seu Vieira, imagine que eu já estou no Brasil há três anos e tal – fiz lá as minhas contas – e o senhor sabe que até agora não deu um ordenado sequer?”

REVISTA – *Então, mas ele não lhe pagou? [risos]*

LUIZ – Eu já estava bravo com ele, imagine. Já nesse tempo botava as manguinhas de fora. Então, eu ia conversando e: “O senhor nunca me pagou o ordenado. O senhor veja que lá na caixa só tem vales, vales, vales: 100 mil réis, 100 mil réis, 2 mil réis, 3 mil réis. Então eu fiquei bravo com ele: “Por que o senhor – digo eu – por que o senhor não me vende a livraria de São Paulo? E o senhor fica com esta” (a do Rio de Janeiro). E combinamos.

REVISTA – *E ele aceitou o negócio?*

LUIZ – Ele aceitou o negócio. Ele veio, fez as malas e foi embora. E eu fiquei com a livraria. Essa livraria ficava na Rua Riachuelo, centro de São Paulo. Lá fiquei mais ou menos um ano e meio. Depois comprei esta loja onde estou até hoje. Nesse período me casei, no dia 26 de junho de 1943, com a Celeste, embora não tivesse onde cair morto. Ela não era uma mulher rica, coitadinha, não tinha nada. Mas era uma senhora encantadora, fui me afeiçoando, fomos um casal quase ideal. Ela viveu comigo durante 32 anos. Infelizmente sofreu um acidente e faleceu.

REVISTA – *Por que o senhor resolveu trabalhar com livros? Houve algum motivo especial?*

LUIZ – Foi uma atração, um imã que me atraiu. Além disso, quando o meu pai me falou sobre o Vieira, ele comentou: “Eu só sei que ele trabalha com livros”. E isso ficou na minha cabeça. Eu fiquei com isso ruminando.

REVISTA – *Sua livraria foi freqüentada por pessoas famosas. O senhor pode falar de algumas delas?*

LUIZ – Esta livraria já ocupou um grande espaço. Eu tive a veleidade de todos os anos ir a Portugal, ir à Europa, com escala em Barcelona, Madri, para verificar se alguém havia feito uma livraria tão grande como a minha. Uma das pessoas que a freqüentou foi o doutor Alfredo Buzaid, ex-ministro da Justiça. Esse homem se tornou importante tão logo saiu dos bancos escolares da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, aqui próxima. Outra figura conhecida que visitava a livraria era o Delfim Neto. Ele era assim, gordão,

muito bojudado, meio mal-acabado – ele passava por aqui quando tinha uns 13, 14 anos, e de calça curta! (risos) Ele juntava uns três, quatro livros e me dizia: “Senhor Luiz, olha, eu não posso... eu não tenho dinheiro agora, mas eu venho trazer o dinheiro no dia tal”. Combinava, no dia tal estava lá. Também recebi o Monteiro Lobato. O Mindlin já se interessava por livros raros. Na livraria do Rio de Janeiro também tive amigos fantásticos, como o Carlos Lacerda; esse foi um grande amigo. Outra amizade que tive foi com o comandante Rolim, da TAM. Nós éramos verdadeiramente irmãos. Eu ia na casa dele, ele ia à minha. Ele era um verdadeiro showman, um homem extraordinário. Ele comprava livros sobre Napoleão.

REVISTA – *O senhor tem idéia de quantos livros já reuniu aqui no auge da livraria?*

LUIZ – Em 1945, eu devia ter uns 2 mil livros. Em 1970, por aí, eu já estava com 360 mil livros.

REVISTA – *Que autores o senhor aprecia, seu Luiz? O que o senhor gosta de ler?*

LUIZ – Eu gosto muito de literatura mais antiga, por exemplo: Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco, Fialho de Almeida, Antero de Quental. Mas também os brasileiros, como Machado de Assis, José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo.

REVISTA – *O senhor se lembra de algum livro raro que foi muito cobiçado?*

LUIZ – Eu tive tantos! Mas houve um livro que eu vendi por R\$ 20 mil. Um livrinho bem

pequeno de 1734: o primeiro livro sobre Minas Gerais, na época do Tiradentes – Brasil Colônia! Eu tive esse livro, e não queria tê-lo vendido. Mas consegui um bom preço.

REVISTA – *O que os colecionadores geralmente querem? Que tipo de livro eles gostam?*

LUIZ – Ah, de tudo. Quem tem 300 mil livros em uma livraria tem de ter uma gama muito grande de opções. É literatura francesa, espanhola, italiana. Eu sempre fui muito eclético no arranjo das minhas livrarias.

REVISTA – *E por que essa idéia de fechar a livraria?*

LUIZ – Pois é, aí é que vem a história. Eu não tenho a quem entregá-la. Os meus netos estão muito bem postos na vida. E eles mesmos dizem: “Isso é coisa do avô. O avô é que entende do riscado. Ele que se divirta com os livros”.

REVISTA – *E o senhor pretende voltar para Portugal?*

LUIZ – Pretendo. Vou visitar minha irmã. É o seguinte: eu tenho uma irmã chamada Arminha, que está com 93 anos. Peçam a Deus que Ele lhes dê tanta saúde como deu a ela. Uma mulher de uma saúde extraordinária! Vai aos 100, brincando. Tenha eu vida para contá-los, e contarei. Mas agora lhe deu a mania de dizer que vai morrer. Tem 93 anos, está mais viva que eu! Quase que é uma criança. E ela tem uma vivacidade! Cada carta que eu recebo é de um lugar da Europa em que ela está viajando.



REVISTA – *O senhor está com quantos anos?*

LUIZ – Oitenta e oito. Mas poderia dizer 89. Vou fazê-los.

REVISTA – *Como o senhor está vivendo esta fase da vida? Está melhor, está mais difícil do que as outras? Qual é a diferença desta fase para as outras?*

LUIZ – Ah, está muito difícil... Acho que eu desanimei com a loja... Mas a saúde está boa. Eu não tenho nada, nunca tive nada, tudo perfeito. Tudo em ordem; durmo bem, tudo. Então eu acho que... A não ser que haja algum imprevisto, mas não conto com isso.

REVISTA – *O que o senhor pensa da situação do idoso brasileiro? Como o senhor vê essa situação, senhor Luiz?*

LUIZ – Eu ainda não convivi com esse problema (risos)... Tenho apenas 88 anos. Por isso é que eu, a toda hora, digo: “Quando eu chegar à velhice...” (risos). Bem, pelo que eu vejo há idosos que vivem verdadeiros dramas, dramas terríveis. Sou avesso a qualquer tipo de violência, seja contra o idoso, seja contra o jovem. Eu estou bem, minha família me adora, mas muitos, a maioria, talvez, não têm essa sorte. Há coisas que levam a gente às lágrimas facilmente. Eu sou um sentimental.

REVISTA – *Sobre os seus planos futuros, para o futuro... O senhor, parece, vai para Portugal. Pretende ficar lá? Como é essa história?*

LUIZ – Pois é, eu falei que minha irmã me escreve a toda hora, e me telefona a toda hora:

“Luiz, eu ainda não morri, mas eu vou morrer!” [risos] Eu digo a ela: “Mas Arminda, pensa bem, você está com 93 anos, eu tenho 88. Então quem vai primeiro?” [risos] Então preciso vê-la o mais depressa possível. Essa é a razão principal de minha ida a Portugal.

Tem até um [risos], que se diz, humor negro, que se fala nessas horas: “ Vou morrer. Pois é, e morrer por morrer, morra o meu pai, que é mais velho”. [risos] A gente diz isso a toda hora. Se morre, vai morrer, morra o meu pai, que é mais velho. De maneira que...

REVISTA – *O senhor se casou novamente, não foi?*

LUIZ – Não casei formalmente, mas vivo com a Rita, que fica aqui comigo na livraria. Rita é filha de criação! Mas foi sempre tratada como sendo da família. Quando eu comecei a namorar a Celeste, ela tinha acho que 10 ou 12 anos a menos do que a Celeste. Então, se a Celeste tinha 20 anos, ela devia estar com 8 ou 9 anos. Então ela viveu sempre comigo. Sabe o que eu gosto, o que eu como, sabe tudo.

REVISTA – *Em uma das entrevistas que o senhor deu, o senhor disse que estava escrevendo suas memórias; eu não sei se a interpretação é essa mesmo. O que o senhor pretende fazer?*

LUIZ – Ah, sim, certo. Eu sempre acho graça quando penso nisso e digo: “Bom, quem está a ler as suas reminiscências, as suas memórias, por alguma razão é. Então eu diria que é quando se está com o pé na cova”. [risos] Então é melhor não se pensar muito nisso.



REVISTA – *Senhor Luiz, o senhor começou jovem essa convivência com os livros e nunca mais os largou... Isso é uma coisa forte, não é?*

LUIZ – É tão forte que eu nunca desatei dos livros, pelo contrário. E olha que tive grandes contrariedades. Porque eu tive no mínimo cinco grandes crises financeiras. A primeira foi no Governo Getúlio. Aliás, tenho fortes recordações dessa época. Em 1942 eu vi o Getúlio subir a Líbero Badaró em triunfo, indo direto à Faculdade de Direito; ele havia derrotado os paulistas.

REVISTA – *O senhor acha que a procura por livros era maior, menor ou igual no passado do que na atualidade?*

LUIZ – Acho que as pessoas estão lendo menos. Na minha opinião, as pessoas se interessam menos por livro. O movimento na livraria é muito menor, muito menor! Imagine, eu tinha aqui dez empregados para trabalhar, e ainda estudavam! A gente deve fazer o famoso pé-de-meia, senão... se hoje eu estivesse à espera de ganhar o dia, ah, estava frito! Bem, eu vivi aqui muitas coisas interessantes. Talvez fiquem para as minhas reminiscências...

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE TRABALHOS NA REVISTA A TERCEIRA IDADE

A revista A TERCEIRA IDADE é uma publicação interdisciplinar, editada desde 1988 pelo SESC – São Paulo, quadrimestral, e dirigida aos profissionais que trabalham com idosos. Tem como objetivo estimular a reflexão e a produção intelectual sobre Gerontologia e seu propósito é publicar trabalhos técnicos e científicos nessa área, abordando aspectos da velhice (físico, psíquico, social, cultural, econômico etc.) e do processo de envelhecimento.

NORMAS GERAIS

- Os artigos não precisam ser inéditos, basta que se enquadrem nas normas para publicação, que serão apresentadas a seguir. Quando o artigo já tiver sido publicado deve ser informado em nota à parte sob qual forma e onde foi publicado (Revista; palestra; comunicação em congresso etc.)

- As traduções devem estar acompanhadas das autorizações dos autores.

- Os conceitos emitidos no artigo são de inteira responsabilidade dos autores, não refletindo, obrigatoriamente, a opinião da Comissão Editorial da Revista.

- Todos os artigos enviados serão analisados pela Comissão Editorial que opinará sobre a pertinência ou não de sua publicação. No caso de aceitação do artigo, o(s) autor(es) será(ão) contatado(s) pelo correio eletrônico, ou outro meio que tiver informado, e terá(ão) direito a receber 03 (três) exemplares do número em que seu artigo for publicado.

- Devem ser enviados para o endereço eletrônico revista3idade@sescsp.org.br ou pelo Correio para o destinatário: SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC

Revista A Terceira Idade – GETI

Av. Álvaro Ramos, 991 – 2º andar

CEP: 03331-000 - São Paulo - SP ,

incluindo uma via impressa e um arquivo em disquete.

- O(s) autor(es) deve(m) enviar uma breve nota biográfica contendo: o(s) nome(s); endereço completo; endereço eletrônico, telefone para contato; indicação da instituição principal à qual se vincula (ensino e/ou pesquisa) e cargo ou função que nela exerce.

- Os direitos de reprodução (copyright) dos trabalhos aceitos serão de propriedade do SESC, podendo ser publicados novamente em outra publicação técnica. O autor também autoriza disponibilização no sítio www.sescsp.org.br

- Os artigos aceitos somente serão publicados com autorização por escrito, do(s) autor(es), cujo modelo será

enviado pela Comissão Editorial. O não recebimento da autorização preenchida e assinada pelo(s) autor(es) cancelará a publicação do artigo.

- Os trabalhos aceitos serão submetidos à revisão editorial e qualquer modificação substancial será submetida ao(s) autor(es) antes da publicação.

APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS

a) Os trabalhos deverão ser apresentados na forma de arquivo digitado em programa Word for Windows e devem conter entre 15.000 e 25.000 caracteres.

b) RESUMO: Deve apresentar de forma concisa o objetivo do trabalho, os dados fundamentais da metodologia utilizada, os principais resultados e conclusões obtidas e conter aproximadamente 200 palavras. Deve vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho (palavras-chave)

c) ABSTRACT: O resumo em inglês também conter aproximadamente 200 palavras. Deve vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho (keywords)

d) No artigo devem constar as seguintes partes: Introdução, Desenvolvimento e Conclusão ou Considerações Finais.

e) As referências bibliográficas, notas de rodapé e citações no texto deverão seguir as normas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.

f) Toda e qualquer citação no texto, seja formal (transcrição), seja conceptual (paráfrase) deve ter obrigatoriamente identificação completa da fonte. Esta identificação aparecerá sob a forma de referência bibliográfica e deve ser colocada no texto (sobrenome do autor, ano e página de onde foi extraída a citação).

g) As notas sejam de referência, sejam explicativas, devem ser numeradas consecutivamente em algarismos arábicos na ordem em que surgem no texto e podem aparecer em notas de rodapé ou no final do artigo.

h) ILUSTRAÇÕES: As ilustrações (gráficos, fotografias, gravuras etc) devem ser utilizadas quando forem importantes para o entendimento do texto. Pede-se que fotos (mínimo 300 dpi), mapas, gráficos ou tabelas tenham boa resolução visual, de forma que permitam a qualidade da reprodução. As ilustrações deverão ser numeradas no texto e trazer abaixo um título ou legenda, com indicação da fonte/autor.

i) No caso de utilização de fotos, estas devem vir acompanhadas de autorização de veiculação de imagem. O SESC encaminhará modelo.



Serviço Social do Comércio SP
Revista A Terceira Idade – GETI
Av. Álvaro Ramos, 991 - 2º andar
03331-000 - São Paulo SP

Fone(011)6607-8247 FAX(011)6607-8250
revista3idade@sescsp.org.br

São Paulo, outubro de 2007.

Caro leitor:

A Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade GETI, do SESC SP, está atualizando os dados cadastrais dos técnicos, instituições, entidades e bibliotecas que recebem a revista “A Terceira Idade”.

Solicitamos preencher os campos abaixo e devolver este formulário o mais rápido possível. As informações poderão ser encaminhadas por e-mail, fax ou por correio no endereço acima.

Contamos com sua colaboração. **“Caso já tenha enviado a atualização dos dados, por favor desconsidere esta ficha.”**

Pessoa física

Nome

Profissão.....

Formação

Endereço

..... n° complemento

Bairro CEP

Cidade Estado.....

e-mail Telefone:.....

Pessoa Jurídica

Instituição.....

A/C (local/cargo)

Endereço

..... n° complemento

Bairro CEP

Cidade Estado.....

e-mail Telefone:.....

O SESC – Serviço Social do Comércio é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio e serviços, que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural do trabalhador no comércio e serviços e de seus dependentes – seu público prioritário – bem como da comunidade em geral.

O SESC de São Paulo coloca à disposição de seu público atividades e serviços em diversas áreas: cultura, lazer, esportes e práticas físicas, turismo social e férias, desenvolvimento infantil, educação ambiental, terceira idade, alimentação, saúde e odontologia. Os programas que realiza em cada um desses setores têm características eminentemente educativas.

Para desenvolvê-los, o SESC SP conta com uma rede de 30 unidades, disseminadas pela Capital, Grande São Paulo, Litoral e Interior do Estado. São centros culturais e desportivos, centros campestres, centro de férias e centros especializados em odontologia e cinema.

Conselho Regional do SESC de São Paulo 2004-2010

Presidente: Abram Szajman

Efetivos: Cícero Bueno Brandão Júnior, Eduardo Vampré do Nascimento, Eládio Arroyo Martins, Elisete Berchiol da Silva Iwai, Ivo Dall’acqua Júnior, Jair Toledo, Jorge Sarhan Salomão, José Maria de Faria, José Maria Saes Rosa, José Santino de Lira Filho, Luciano Figliolia, Lucíola Rodrigues Jayme, Manuel Henrique Farias Ramos, Valdir Aparecido dos Santos, Wallace Garroux Sampaio

Suplentes: Amadeu Castanheira, Ariovaldo Maniezo, Arnaldo José Pieralini, Benedito Toso de Arruda, Carlos Alberto D’Ambrósio, Dan Guinsburg, João Herrera Martins, Luiz Antonio de Medeiros Neto, Mariza Medeiros Scaranci, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab

Representantes do Conselho Regional Junto ao Conselho Nacional

Efetivos: Abram Szajman, Euclides Carli, Raul Cocito

Suplentes: Aldo Minchillo, Costáble Matarazzo Junior, Ozias Bueno

Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda



SESCSP
www.sescsp.org.br
0 8 0 0 - 1 1 8 2 2 0

ISSN 1676-0336



9 771676 033005 40

Luiz de Oliveira Dias